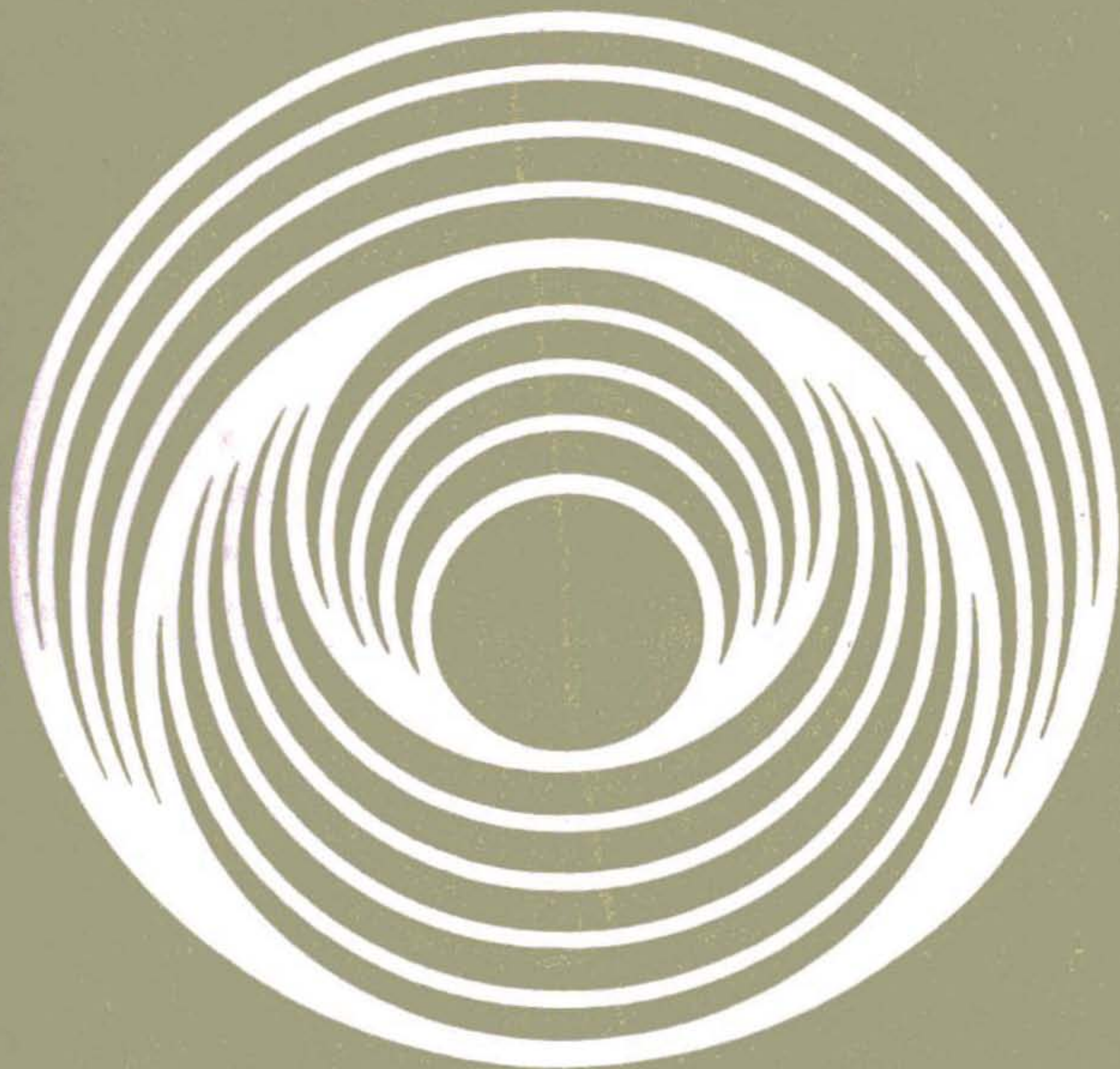


convergência

NOV — 1975 — ANO VIII — Nº 87



- **O USO DA BÍBLIA NA EVANGELIZAÇÃO**
Frei Carlos Mesters, OC
Página 527
- **EVANGELIZAÇÃO E MUNDO RURAL**
Frei Bernardino Leers, OFM
Página 542
- **A MULHER NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO HOJE**
Irmã Angelita Myerscough
Página 556

CONVERGÊNCIA,
revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 6.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1975:

Brasil, taxa única (via
terrestre ou aérea .. Cr\$ 75,00
Exterior, remessa marí-
tima US\$ 17,00
Avulso Cr\$ 7,50

Os artigos assinados são da res-
ponsabilidade pessoal de seus au-
tores.

Composição: Compositora Helvé-
tica Ltda., rua Correia Vasquez, 25
Rio de Janeiro - GB.

Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL 513

●
INFORME DA CRB 515

●
**O USO DA BIBLIA NA EVAN-
GELIZAÇÃO,** Frei Carlos Mes-
ters, OC 527

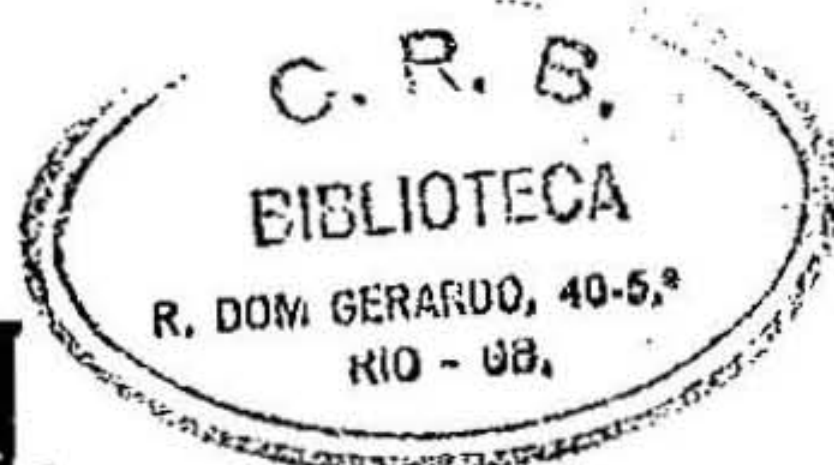
●
**EVANGELIZAÇÃO E MUNDO
RURAL,** Frei Bernardino Leers,
OFM 542

●
**A MULHER NA HISTÓRIA DA
SALVAÇÃO HOJE,** Irmã An-
gelita Myerscough 556

●
**DUZENTOS ANOS DA MORTE
DE PAULO DA CRUZ,** Pe. Boa-
ventura M. Guérios, CP 568

●
LIVROS NOVOS 574

EDITORIAL



Num dos momentos mais dramáticos da vida do profeta Jeremias, deixou-nos ele escrito: **"É o Senhor quem salva o pobre das mãos do perseguidor"** 20, 13.

Mais do que a palavra escrita, a própria vida do profeta de Anatot foi uma pregação viva, de como o pobre é salvo por Deus.

Pelos tremendos sofrimentos e abandono em que viveu Jeremias, constituiu-se o exemplo típico do desvalido, marginalizado, perseguido, mas também do homem de fé a quem Deus dirige a palavra e salva. Podemos percorrer a vida de cada profeta do Antigo Testamento ou dos santos da Nova Aliança e sempre descobriremos o mesmo comportamento do Senhor. O pobre recebe a salvação. A própria vida de Jesus Cristo será confirmação desta verdade.

Quando queremos dar síntese da mensagem do Novo Testamento dizemos: **"Bem-aventurados os pobres,**

os mansos, os que choram, os famintos, os perseguidos" os abandonados pelos homens e confiantes em Deus. Sem dúvida, um linguajar estranho, contrastante e, porque não dizê-lo, incompreensível para a grande maioria. Podemos com facilidade fazer poesias sobre a pobreza.

Temos palavras de consolo e alento para os que não têm comida, mas aí se eu não tiver de comer! Louvamos os gestos heróicos dos misericordiosos e aí se não nos perdoam! E como somos duros em perdoar! Achamos admirável alguém sofrer perseguição pela Justiça, entregar a vida pelo próximo. Diariamente ao menor aceno de desconsideração reagimos violentamente, quando estamos apenas recebendo o justo salário daquilo que fizemos. Toda a Sagrada Escritura é uma mensagem dirigida ao pobre, àquele que busca, que trabalha com esperança, àquele que reza sempre, àquele que sente sua indigência, e

“se o Senhor não salva, quem salvará?” O que preocupa é constatar como nós religiosos que oficialmente nos identificamos com os pobres ou seja, com os prediletos do Senhor, na realidade nos sentimos ricos, poderosos, e consequentemente distantes de Deus. Mais que qualquer outro sentimos o contraste entre a bela teoria e os comportamentos burgueses que engordam nossos corações.

Ler a Bíblia, nós lemos. Nos a conhecemos. Cabe a pergunta: Como lemos o Cristo, na vida? Como o traduzimos em ações, ou que sensibilidade temos para descobri-lo em meio às violentas contradições da vida diária? Como é desolador chegar ao final do dia e só ter visto e tocado em coisas, e não ter visto o Senhor passar no meio da multidão.

No Brasil de hoje 50% da população vivem ainda no mundo rural que na maioria dos casos se identifica com pobreza real, além das massas conglomeradas nos cinturões e favelas das grandes cidades. Isto tudo nós conhecemos, como aliás conhecemos os Evangelhos, as bem-aventuranças. Mas com quem realmente nos preocupamos?

Com quem nos identificamos e vivemos? Não há dúvidas que temos boas razões para convencer e silenciar

a consciência. Mas fica sempre o incômodo **comportamento** daqueles que nós tomamos como exemplos: os profetas, os santos, Jesus Cristo. Eles podiam ter racionalizado como nós. E por que não fizeram?

Neste número você encontrará uma reflexão de **Frei Carlos Mesters** sobre o uso da Sagrada Escritura na Evangelização. Como sempre, numa linguagem concreta e plástica, o autor nos põe cara a cara com os fatos. Não adianta negar as evidências. Para nós que diariamente manuseamos a Bíblia na pregação, vale a pena ter alguns critérios orientativos.

Frei Bernardino Leers analisa a realidade do mundo rural. Os impasses e as possibilidades que oferece. Um campo de apostolado que em grande parte escapa às nossas preocupações pastorais imediatas, para nos concentrar nos grandes centros. Será sempre justo?

Irmã Angelita Myerscough apresenta outra excelente reflexão sobre a presença da mulher na história da salvação, no Ano Internacional da Mulher. Outros assuntos também de seu interesse completam a revista. Faço votos que tenha uma proveitosa leitura individual e comunitária.

Frei Constâncio Nogara, OFM

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

A VISITA AO BRASIL DO PADRE ELIO GÂMBARI, SUBSECRETÁRIO DA SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS

Notícia da viagem

Convidado pela Diretoria Nacional da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB), esteve entre nós o P. Elio Gâmbari. É o Subsecretário da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares, em Roma, tendo afeta a si precisamente a área dos Religiosos e Religiosas. Devendo já estar no México e no Peru, acedeu ao nosso convite para vir conhecer de perto a Vida Religiosa em nosso país e a ação da CRB, já anteriormente visitada, pelo Sr. Arcebispo Agostinho Mayer, Secretário Geral da Sagrada Congregação e pelo Sr. Cardeal Arturo Aroz Tabera, de saudosa memória, então Prefeito daquele Dicastério. Chegou dia 27 de julho diretamente de Lima a São Paulo e partiu do Rio para Roma, no dia 16 de agosto. Foram 20 dias muito bem aproveitados, graças a um programa pluriforme que permitiu ao P. Gâmbari uma variada gama de contatos, seja com a CRB Nacional, seja com as Regionais de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Recife e Rio Grande do Sul. Cada Regional organizou a seu critério a programação.

Na CRB Nacional, teve oportunidade de participar de uma reunião mensal ordinária da Diretoria Nacional, de uma reunião mensal da Equipe Nacional de Reflexão Teológica, estudando depois, com o Executivo, toda a programação da CRB e vendo pessoalmente o funcionamento da Sede Nacional. No dia 6 de agosto, esteve presente à celebração e presidiu depois à Sessão Solene de inauguração do CETESP, representando oficialmente a Sagrada Congregação dos Religiosos. Mas de todo o programa, os pontos mais intensamente vividos pelo P. Gâmbari, foram precisamente os contatos diretos com as mais variadas formas de concretização da vida dos religiosos, desde as grandes instituições até às pequenas comunidades. CONVERGÊNCIA publica, na íntegra, as palavras do P. Gâmbari à Diretoria Nacional, antes de sua partida.

P. Gâmbari à Diretoria Nacional

É de todo coração que venho agradecer o convite da CRB para a vinda ao Brasil e o modo fraterno como aqui me receberam. Devo antes de tudo

agradecer o conselho que Pe. Marcello Azevedo me deu quando lhe falei de minha viagem. Disse-me que não fizesse uma visita apressada, que viesse com tempo de modo a poder realmente conhecer a vida religiosa no Brasil. Desejo comunicar com simplicidade quais são as minhas impressões. Qual era minha intenção quando decidi vir ao Brasil? Não a de fazer uma visita oficial, nem oficiosa. Vim com o objetivo de ter contato pessoal com os interesses, preocupações e trabalhos da CRB. Desejava entrar em comunhão de vida para poder assimilar melhor a realidade dos religiosos no Brasil. Deram-me aqui esta oportunidade de participar da vida que levam e procurei abrir os olhos e o coração para deixar-me enriquecer por tudo que via e vivia. Até agora, só fiz armazenar um precioso material para minha reflexão. Precisarei de mais tempo para poder avallar toda riqueza da experiência aqui vivida.

Volto para Roma com uma atitude de inveja pelo trabalho da CRB. Foi-me possível constatar através de encontros em cinco regionais o que a CRB está realizando. É um trabalho de animação e de encorajamento. Quero repetir o que já tive ocasião de dizer pessoalmente a Pe. Marcello Azevedo, sobre a missão que as Conferências de Religiosos têm na Igreja. Acompanho as Conferências desde o seu nascimento. São uma organização a serviço da vida religiosa para promovê-la, animá-la e fazer que ganhe cada vez mais em profundidade.

A este propósito, lembro-me da última conversa que tive com o Sr. Cardeal Tabera, de saudosa memória, refletindo sobre o trabalho da Sagrada Congregação dos Religiosos. "Eminên-

cia, parece que tantos recursos, lamentos e queixas que chegam até nós, fazem da Sagrada Congregação uma espécie de hospital de Vida Religiosa. A nós apresentam os casos de doença. Somos a corte de apelo ou de cassação para as dificuldades que não se resolvem nos lugares em que se verificam". Para nós, na Sagrada Congregação, o importante seria refletir sobre o serviço que nos compete prestar aos religiosos. Há dois anos, em Roma, na reunião com os Superiores Gerais o tema central foi o seguinte: "Que esperam os Superiores Gerais da Sagrada Congregação? E que espera a S. Congregação dos Superiores Gerais?" A questão foi abordada de um modo tranqüilo, sincero e aberto. Pediam então os Gerais que a Sagrada Congregação tivesse em relação aos religiosos uma função de animação, de encorajamento e de correção, quando necessário. A principal tarefa não é com efeito a de corrigir, mas de promover a Vida Religiosa.

Observo que no Brasil trabalha-se com dinamismo e com vontade resoluta de avançar. A Vida Religiosa aqui no Brasil revela grande vitalidade. Comparo-a a atividade de uma grande obra em construção onde tudo é movido pelo dinamismo. Há países onde não se constata esta vitalidade. Parecem mais preocupados em fazer o testamento da Vida Religiosa... Aqui pelo contrário tudo é vitalidade e esperança. E no Brasil há uma importância particular da vida religiosa, devido ao imenso trabalho apostólico que prestam as Congregações femininas para suprir a falta de clero. Noto aqui o empenho dos Institutos femininos em preparar bem os religiosos para exercer tarefas especializadas. Percebo a vitalidade da

vida consagrada. Alegro-me ainda com a criação do CETESP (Centro Teológico de Estudos e Espiritualidade para a Vida Religiosa), cuja finalidade é tornar os religiosos profissionais da Santidade. Entre o **ser** e o **fazer**, a prioridade cabe ao ser religioso. O resto é consequência.

Enumero agora alguns pontos que muito me agradaram ao conhecer melhor a vida religiosa no Brasil.

a) Sublinho em primeiro lugar a **comunhão** que existe entre os vários Institutos Religiosos. Percebi até mostras de verdadeiro afeto quando as religiosas de várias Congregações se encontravam nas reuniões e dias de oração. Ao se abraçarem e se saudarem pareciam pertencer todas a uma só família religiosa. É uma verdadeira comunhão de carismas. É assim que deve ser. Somos membros da mesma grande família religiosa.

b) Esta comunhão se traduz em **colaboração** e complementariedade: Na Igreja somos como peças de um mosaico artístico. Não é meu desejo assumir uma atitude triunfalista. Quero sublinhar a necessidade que a Igreja tem da vida religiosa para atender à sua própria finalidade. As famílias religiosas embelezam a Igreja, esposa de Cristo e a dotam de força e instrumentos para exercer sua missão. A Vida Religiosa é uma vida em função da Igreja. Lembro-me da celebração litúrgica em Recife, quando os religiosos na Eucaristia ao rezarem o Pai Nosso deram-se todos as mãos. Isto é um símbolo da Vida Religiosa que é uma grande colaboração em que todos se dão as mãos uns aos outros.

c) Constatei também a eficiência de organização dos religiosos no Brasil. Aliás minha viagem foi prevista pela CRB em todos seus pormenores com grande precisão. Tive prazer em constatar esta capacidade de coordenação tão exata. A organização que notei aqui foi também no conciliar as forças de reflexão sobre a Vida Religiosa. Participei da reunião em que a Diretoria Nacional se encontrou com a Equipe Nacional de Teólogos da CRB. É conveniente que seja assim mesmo, isto é, as atividades em bem dos religiosos, como a de reflexão teológica, estejam sob a responsabilidade dos Superiores religiosos. Houve tempo em que era necessário uma licença especial da Santa Sé para que se promovessem concentrações de religiosos. Hoje esta responsabilidade passou subsidiariamente às Conferências de Religiosos. Há países, no entanto, em que a Conferência de Superiores Maiores assume ainda posição de reivindicação. No Brasil superou-se esta atitude. Há esforço de promoção e animação da Vida Religiosa. Há alguns pontos que precisam atenção. Dou como exemplo a situação das pequenas comunidades.

Os problemas que se referem às pequenas Comunidades devem ser resolvidos em sentido positivo. Não deveria haver atitudes de oposição dentro do mesmo Instituto entre Comunidade grande e pequena. Procuraremos sempre o que nos une e não o que nos separa. A meu ver a Comunidade grande deve ser o apoio para a comunidade pequena. Percebo uma analogia com a situação que foi há vários anos dos Padres operários na França. Quem está mais lançado na primeira linha como o padre operário, necessita de uma co-

munidade que o sustente. Creio que vamos caminhando para um equilíbrio. É o problema da unidade na pluralidade. A unidade impõe limites mas não uniformidade. Há que aprender com o direito latino que dentro do rigor da Lei estabelecia o "jus pretoris" ao qual cabia interpretar a lei, para que o "sum-mum jus" não fosse a "summa Injuria".

Volto para Roma como os astronautas que descem à terra. Trazem fotografias, gravações, amostras de material. Por enquanto constato a riqueza do material que me foi dado recolher. Agora quero refletir sobre tudo isso para assimilar as vivências e para utilizá-las para o bem dos outros religiosos e da Igreja inteira. Haveria que escrever um livro apresentando as iniciativas de um país ao outro no que se refere à Vida Religiosa. Há muita ri-

queza de vida religiosa no Brasil a ser conhecida por outros.

Volto para casa com esta riqueza. Viagens como esta ajudam quem trabalha em Roma. Compreendo que a Vida Religiosa é universal. A mim cabe ver para "além dos Alpes" e do "Mare nostrum". A quem está em Roma compete ser um cidadão da Igreja. Agradeço, pois, a Deus, o ter-me concedido ver outros horizontes. Viajar dá um sentido de humildade à pessoa humana. Desejo agora colocar o que vi e vivi a serviço de toda a Igreja. O Cardeal Tabera expressava sua grande estima pela Vida Religiosa no Brasil. Ao terminar acrescento que bom que os Superiores Gerais vindo ao Brasil aproveitassem para conhecerem bem as atividades da Conferência dos Religiosos do Brasil.

III ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE E NA IGREJA

Religiosas e leigas das diversas Regionais da CRB e representantes da CNBB reuniram-se em Petrópolis, de 3 a 5 de agosto, para estudar e trocar experiências acerca da mulher em situações carentes e ver como as religiosas e leigas engajadas na Pastoral podem contribuir para a libertação de suas irmãs desamparadas e trabalhar pela valorização da mulher na Igreja e na Sociedade. Os temas escolhidos foram precedidos por uma pesquisa de campo ficando a cargo das Regionais da CRB de Recife, Goiânia e Porto Alegre, respectivamente, os seguintes temas: A Mulher Marginalizada; A Mulher Rural; A Mulher Profissionalizada.

Durante o Encontro, os participantes refletiram sobre os três documentos de base para completá-los, julgar os fatos à luz do Evangelho e elaborar pistas de ação. Eis os aspectos mais salientados nos debates.

A mulher marginalizada na e pela prostituição

No contexto latino-americano da situação de inferioridade da mulher, forma de pecado numa sociedade patriar-

cal e capitalista, em que, geralmente, o homem é senhor e dono e a mulher serve e objeto sexual, a situação da prostituta é a forma mais constrangedora da marginalização.

Breve descrição. Os casos, embora diversos, têm a característica comum de exploração da mulher que "aluga seu corpo", geralmente à sua revelia: mocinhas do campo foram exploradas por vizinhos e rejeitadas pelas suas próprias famílias; moças rurais ficaram fascinadas pela falsa possibilidade de emprego nas grandes cidades e caíram na prostituição para não morrer de fome; jovens quase analfabetas, sem qualificação profissional, tornaram-se empregadas domésticas e foram "utilizadas" para atividade sexual dos rapazes da casa (os filhos não precisarão ir à zona) ou exploradas pelo patrão.

Estes vários fatores facilmente se conjugam entre si e com outros. Constatam-se agora conotações de modernização na profissão de prostituta, pelo uso do carro, do telefone, do anúncio disfarçado nos jornais.

Incidência. Eis alguns dados: em São Paulo, com sete milhões de habitantes, há cerca de cem mil moças nesta situação; em Belo Horizonte, para um milhão de habitantes, cerca de 40 mil. Recife destaca-se pela idade precoce das moças cujos dois terços têm menos de dezolito anos de idade e várias apenas 12 ou 14 anos. As prostitutas estragam sua saúde no seu trabalho e nas drogas que tomam para "agüentar"; são pouco remuneradas, quase sempre exploradas pelos (pelas) gerentes; são vistas como pecadoras públicas, sentem sua culpa e não se consideram gente. As pessoas que se

consagram à reabilitação humano-social destas irmãs em Cristo, frisam que quase sempre as prostitutas foram arrastadas a esta vida pela força das circunstâncias.

Causas gerais. A principal é a influência do contexto cultural cujos critérios pagãos levam o homem a não respeitar a mulher, vendo nela somente um instrumento de prazer, e a mulher a se deixar explorar. Também a situação econômico-social, acumulando benefícios materiais em mãos de poucos e multiplicando classes miseráveis, dá para muitas mulheres apenas esta alternativa de mercado de trabalho. A esta situação esmagadora, acrescentam-se fatores pessoais, de ordem psicológica pela enorme carência afetiva; de ordem cultural, o analfabetismo que deixa a pessoa insegura, facilmente enganável.

Causa específica. A duplicidade e a hipocrisia da sociedade é uma causa estrutural porque ela condena e, ao mesmo tempo, favorece a prostituição, pois, se proíbe o *trottoir* autoriza casas e apartamentos organizados, sob o pretexto de saúde pública. As mudanças econômico-sócio-culturais que vão se operando em nossa época são ambivalentes. Dão possibilidades de libertação e criam novas situações de opressão. Vejam algumas desta ambivalências:

◆ O êxodo para a megalópole ou a cidade do Interior pode dar às jovens acesso à cultura ou provocar sua maior marginalização em favelas suburbanas.

◆ O trabalho em fábricas ou no comércio pode levar a certa independência econômica ou, dado o dese-

quilíbrio entre a grande demanda e a fraca oferta, ser tão pouco remunerado e aleatório que esgote as pessoas física e moralmente.

◆ Os meios de comunicação social podem alargar os horizontes mas, igualmente, despertar anti-valores e fazer perder o senso crítico.

Acrescentem-se a tudo isso as barreiras mantidas pelos homens que, em geral, desejam guardar seu status superior e por isso impedem a promoção da mulher. São eles os legisladores que não reconhecem direitos à mulher. A sociedade de consumo incentiva a mulher-boneca pois rende mais ao mercado do que a mulher-pessoa.

Apelos dirigidos à Igreja

Face a esta situação, quais são os apelos dirigidos à Igreja, especialmente às Religiosas? A Igreja, embora por parte de alguns dos seus membros tenha pactuado com a situação de inferioridade e exploração da mulher, é a única força capaz de realmente influir para a modificação da sociedade, pois o fermento evangélico dá o verdadeiro sentido de libertação e transforma os corações. "É para que sejamos livres que Cristo nos libertou" Gál 5,1. "A prova de que sois filhos é que Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho que clama: Abba, Pai. Portanto, já não és escravo mas filho", Gál 4,6.

Nossa fé nos leva a:

◆ Olhar a situação de marginalização da mulher, analisá-la nas suas causas, julgá-la à luz do evangelho.

◆ Focalizar o problema de modo acertado: uma simples mudança eco-

nômico-social, embora necessária, não basta para sanar a situação que tem raízes no coração humano.

◆ Tomar como paradigma a atitude do Senhor Jesus que não condenou a mulher adúltera, mas levou os seus "parceiros" homens a olhar seus próprios pecados, e ajudou-a a sair da situação: "Vai e não peques mais". Isso nos previne contra um nivelamento para baixo que visa facilitar a imoralidade para ambos os sexos.

◆ Trabalhar concretamente para: dar condições de vida humana para todos; propagar a "educação de base"; educar especialmente as moças e os rapazes, no respeito mútuo; organizar e projetar as empregadas domésticas; amparar as mães solteiras, reeducá-las, fornecer-lhes emprego; polarizar a opinião pública contra a exploração camuflada das mulheres.

Propostas concretas. Considerando que este trabalho pela legítima promoção da mulher é autêntica forma de Evangelização e é, hoje, apelo urgente, as participantes do Seminário de reflexão propõem:

Ao próprio grupo

1. Dar continuidade a Encontros deste tipo, focalizando o tema "Mulher marginalizada e seus marginalizadores".
2. Convidar para esses Encontros pessoas que se dedicam ao trabalho de libertação de situações humanas de marginalização, principalmente de mulheres.
3. Organizar qualquer trabalho junto a mães solteiras, prostitutas, etc.,

e usar a expressão "mulheres desamparadas". 4. Ser um agente de olhos abertos para a realidade, no sentido de formar grupos de reflexão para estudar a marginalização da mulher em geral e as marginalizações específicas, tais como: débeis mentais, excepcionais, prostitutas, presídios de mulheres, imigrantes, drogas, mendicância. Procurar influir junto a pessoas com posição de responsabilidade na Igreja e na sociedade, no sentido de se dar maior atenção ao problema da mulher desamparada.

As Congregações Religiosas

1. Fazerem uma revisão de sua preocupação em promover todos os seus membros, abrangendo a pessoa na globalidade. 2. Fazer uma revisão de suas obras estabelecendo prioridades para que sejam mais promocionais do que assistenciais. 3. Na formação inicial de seus membros procurem sensibilizá-los para os problemas de marginalização na sociedade, por se tratar de um apelo urgente da realidade atual. 4. Que as pessoas que vão trabalhar na promoção da mulher desamparada tenham suficiente maturidade, conveniente preparo profissional e intenso amor cristão.

A valorização da mulher, que eliminará a condição de mulher desamparada, é um processo dinâmico que pede muita criatividade e, por parte dos cristãos: mulheres e homens, uma luta perseverante, amorosa, paciente, pois é toda uma face da humanidade que faz emergir. "O jejum que o Senhor aprecia é romper as cadeias injustas, desatar as cordas do jugo, mandar embora livres os oprimidos", Is 58, 6-7.

A mulher em situação carente na zona rural

Descrição de formas de opressão.
OPRESSÃO PESSOAL: mostra-se cabibacha, acabrunhada, triste, solitária, desconfiada; não se expressa, pois está condicionada pelo que os outros pensam dela ou vão pensar, ou querem que ela seja; tem vergonha de mostrar sua **afetividade** tanto pelo marido como para com os filhos; desleixa-se com facilidade, perdendo o senso de sua dignidade pessoal; é apegada ao tradicionalismo, ao folclore religioso, às benzedeadas, a mitos; vê o sexo como um tabu.

OPRESSÃO FAMILIAR: está a serviço do marido; é mais serva do que companheira; é conformada com a situação de submissa; é a criadeira de uma prole numerosa; envelhece rapidamente com maternidades sucessivas sem a devida assistência de saúde. Contribui para isso o desejo de ter mais braços para o trabalho; falta de capacitação para educar seus filhos; há um desnível cultural e principalmente oposição de mentalidade com os seus filhos que, às vezes, estudaram; falta de iniciativa e criatividade no seu lar, pois não tem estímulo cultural, nem incentivo, nem meios materiais para tal; é muitas vezes, analfabeta, pois, por causa das distâncias, não tem acesso aos estudos; tem pouca ou nenhuma noção de higiene; nunca tem lazer e nem considera um valor.

OPRESSÃO PROFISSIONAL: não tenta descobrir nem desenvolver suas capacidades; não há geralmente, para ela diversificação de trabalho: é só o da

roça e o serviço caseiro; participa do duro trabalho do campo, mas não toma parte nas decisões; se consegue trabalho fora, é só para cobrir despesas, não como promoção e realização.

Em resumo, é máquina para servir. Ela não é considerada, nem se considera como valor. Desde pequena é condicionada para o casamento, como sendo o único valor e para isso se submete facilmente a tudo e a todos.

Valores da mulher do campo. É solícita, tem o coração bom, o senso de hospitalidade: "quem só tem gravetos, dá um a quem não tem nenhum"; "prefere possuir menos e que todos tenham, a possuir mais"; acolhe os órfãos, os doentes, os velhos. Tem espírito de serviço e doação. Não tem artifícios nem sofisticação. É corajosa no trabalho. É fiel.

Conscientização. Mentalidade das mulheres do campo a respeito de sua própria promoção: **a)** Geralmente não estão despertadas a respeito de sua libertação como mulher; acham que tudo está bem: mostram-se conformadas. **b)** Algumas acham boas as idéias de promoção, mas não captam as oportunidades que lhes são oferecidas por falta de iniciativa. **c)** Não têm condições de lutar por si mesmas sem o apoio de pessoas esclarecidas.

Linha básica de conscientização. A conscientização se deve proceder a partir dos valores e da realidade da mulher **em ambiente rural**; preparando para o processo irreversível de mudança, imprevisível, sobretudo em termos de evangelização. Supõe uma visão do mundo, de pessoa e de Igreja esclarecida, exige formação da capacidade crítica e de participação.

As pistas de ação escolhidas pelas participantes do III ENCONTRO, nessa linha de conscientização foram:

◆ **Estudo da problemática rural.** Levar aos responsáveis as situações em conhecimento de causa e competência.

◆ **Treinamento de liderança** para a "mulher do campo", visando uma conscientização a respeito de seus direitos legais e um preparo do pessoal para a invasão da industrialização e da modernização da agricultura (um tipo de organização da mulher do campo).

◆ **Preparo de agentes de pastoral.** Em plano de Comunidades Eclesiais de Base: aculturação e linguagem, evangelização, em contato pessoal direto partindo dos valores da própria mulher do campo e aproveitando as micro-realizações já existentes.

Método. Pesquisa de necessidades e prioridades. Análises do que já existe e do dinamismo libertador do mesmo. Esboço do que ainda falta.

A quem vai esta reflexão

A C.N.B.B. A CNBB poderia ter, ao lado de outros setores, um setor para o "Homem do campo", assessorado por advogados, agrônomos, assistentes sociais, etc., semelhante ao COMINA, Conselho Missionário Nacional.

AS DIOCESES que ainda não o têm, poderiam formar **equipes rurais de estudo e reflexão**, e ação para fundar ou dinamizar as Comunidades Eclesiais de Base, onde a mulher tem vez.

À CRB para que promova encontros nacionais e regionais de Irmãs que trabalham no campo; seminários sobre a "mulher rural"; para que dê atendimento especial ao pessoal religioso que trabalha em zonas rurais.

AS CONGREGAÇÕES para que façam um **levantamento do "êxodo rural"** dentro das próprias Congregações e conseqüente avaliação, da inserção da vida religiosa na realidade brasileira global; da injustiça de retirar a moça do campo para as grandes cidades, fazendo-a abandonar sua própria realidade e impedindo que ela possa promover seu próprio meio. Na linha de ser pessoa, as Congregações deveriam, ao contrário, ajudar a moça a fazer sua opção pelo trabalho em meio rural e encaminhar sua preparação para esse fim. Quanto ao preparo das irmãs estrangeiras, promover o estudo e a informação sobre a realidade de nosso meio rural dentro do contexto global do país antes de serem para lá enviadas.

Conclusão. A distância vai se alargando entre a mulher do campo e a mulher da zona urbana. É responsabilidade nossa, bem como de toda a Igreja, despertar Religiosas e leigas para libertar a mulher do campo pela inserção no meio rural, pela educação que respeita as etapas do desenvolvimento das pessoas e dos grupos, a fim de levar a mulher rural a tomar consciência de si, a descobrir suas riquezas, a refletir, a dialogar, a decidir, a liderar. A mulher do campo é como um ouro autêntico preso na ganga; é nossa missão dar-lhe condições de se libertar para enriquecer com seus valores a Igreja e a Sociedade brasileira.

3

Mulher profissionalizada

Considerando: **1.** A igualdade fundamental do homem e da mulher, criados à imagem de Deus (Gên, 1-2) pessoas livres, conscientes, vocacionadas à realização plena, comprometidas com a construção do mundo, conforme os desígnios do Pai, revelados a Jesus Cristo; **2.** A formação integral do ser humano em todas as suas dimensões como fator inerente à sua essencialidade e, ao mesmo tempo, como necessidade imprescindível ao desempenho eficaz de sua missão cristã na sociedade em que está inserido; **3.** A profissionalização fator irreversível não só como condições de subsistência, valor econômico, mas também como meio de personalização, na qual, o **capacitar-se mais**, não é um fim em si mesmo mas um valor relativo, assumido em função de **ser mais pessoa**, à luz dos critérios evangélicos; **4.** O termo profissionalização, como preparo técnico, habilitação profissional que permite à pessoa (homem ou mulher) assumir e desempenhar com categoria e eficiência determinada profissão, segundo as exigências da época,

Sugerimos:

1. AOS GRUPOS DE ESTUDO: dar continuidade à reflexão iniciada aqui, levá-la aos ambientes onde nos encontramos, organizando grupos de estudos, aprofundando o conceito de profissionalização e de trabalho, à luz da teologia do trabalho — iluminação bíblica.

2. AS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS: Realizar nas Congregações, Pro-

víncias e Comunidades, estudos sobre o sentido, o valor e a necessidade da profissionalização, como meio de desenvolvimento pessoal e de serviço à comunidade, ajuda indispensável ao desempenho da missão específica da religiosa. Promover a habilitação profissional das religiosas, capacitando-as para um trabalho eficiente, dando-lhes preparo técnico, oportunidade de escolha de ofício, respeitando suas tendências individuais e incentivando a justa remuneração. Tomar consciência de que a profissionalização, meio de inserção, exigirá um grande crescimento na fé, um aprofundamento no **ser religiosa** e, conseqüentemente, do **fazer da religiosa**, bem como o respeito às novas formas de estrutura comunitária. Descobrir na crise das Instituições, apelos a um maior testemunho de pobreza, levando as Religiosas a viverem do seu trabalho.

3. À CRB e CNBB: Promover Seminários nacionais e regionais sobre a Profissionalização. Integrar o trabalho Pastoral e assegurá-lo pelas leis trabalhistas. Solicitar à CRB, incluir nos programas de Cursos para formadores, não só antropologia — **ser feminino** e **ser masculino** — valor da pessoa como tal, mas também o sentido profundo da vocação humana, valorização do trabalho à luz da doutrina cristã. Convidar para os encontros pessoas que sejam capazes de ser multiplicadores em seus diferentes campos de ação.

4. AOS GRUPOS DE BASE: continuar um aprofundamento do valor da pessoa humana, frente às exigências da profissionalização hoje. Criar ou solicitar escolas profissionalizantes. Procurar promover as domésticas com cursos de aperfeiçoamento profissional. Evitar discriminação de salários para a mes-

ma função (homem-mulher). Tentar despertar os chefes para que propiciem clima mais humano, aos funcionários, no ambiente de trabalho. Tomar consciência de que o "papel tradicional da mulher está mudando e que a profissionalização é também para ela, um imperativo, que condiciona um novo tipo de estrutura familiar.

Valorização da mulher

A promoção e valorização da mulher, para o cristão, se insere **no esforço de promover valores evangélicos fundamentais** — como dignidade e igualdade de todas as pessoas, a liberdade, a justiça, o amor — e de construir uma sociedade baseada nestes valores. A promoção da mulher faz parte, portanto, do esforço atual de evangelização. O cristão, enquanto tal, deve trazer à libertação da mulher uma contribuição inspirada pela concepção evangélica da dignidade da pessoa e por aquilo de **essencial que a tradição bíblica e cristã apresenta** como vocação da mulher. Não deve, porém, sacrificar modelos culturais ou imagens femininas do passado que limitam a atuação da mulher na sociedade e na Igreja.

A vida consagrada deve oferecer condições para a **realização das religiosas** como pessoas e como mulher, favorecendo sua maturidade humana e espiritual, o desenvolvimento de seus talentos individuais e a expressão de feminilidade (no trato e atitudes, no vestir, na criação do ambiente de convivência, no trabalho profissional e pastoral). Uma nova e mais profunda compreensão de MARIA, como modelo da mulher cristã (Cf. "Marialis Cultus", 37), deve inspirar uma vida religiosa que se empenha generosamente pela Sociedade e pela Igreja.

Na situação atual do Brasil, **a Igreja e todos os cristãos têm uma responsabilidade muito grande em ordem à promoção da mulher.** Devem se conscientizar dessa responsabilidade e dar o exemplo, dentro da própria Igreja, de uma mudança de mentalidade e de atitudes a esse respeito. Essa mudança implica não tanto em mais "serviços" para as mulheres, mas em maior participação nas decisões e nas responsabilidades eclesiais. O empenho dos cristãos e da Igreja deve se manifestar especialmente na conscientização e na **educação**, não só oferecendo às jovens e às mulheres possibilidades de desenvolvimento intelectual, amadurecimento emocional e capacitação profissional, **mas renovando os próprios padrões de educação feminina** (muitas vezes responsáveis pela alienação e inferioridade da mulher na vida social).

Sugestões práticas

PARA O GRUPO: Promoção de encontros com participação diversificada; encontros informais, etc.... Comunicação periódica à CRB Nacional sobre experiências realizadas. Visitas a outros grupos para levar-lhes a nossa experiência e enriquecer-nos com as deles. Contatos e colaboração em grupos (de leigos ou de outras entidades) que tratem do assunto. Contatos com associados que se possam interessar pelo assunto. Incentivar as religiosas e leigas com dotes jornalísticos ou de escritores para que não se omitam diante dos meios de Comunicação Social.

PARA AS RELIGIOSAS: Promover encontros de estudo com participação diversificada. Entrosar-se com as leigas engajadas na promoção da mulher, começando por interessar-nos por seus

movimentos, levando uma contribuição de valores cristãos.

PARA AS CONGREGAÇÕES: Promover as mulheres de nossa comunidade, principalmente as que realizam tarefas domésticas. Tanto por ocasião da admissão como na escolha das tarefas profissionais e pastorais procure-se desenvolver a opção pessoal e o sentido de compromisso responsável. No distribuir o seu pessoal considerar as situações mais carentes da zona rural e da marginalização. Considerar como importante o trabalho de conscientização e de divulgação deste tema no seu enfoque cristão e estimular seus membros a elaborar artigos para serem colocados nos Meios de Comunicação Social.

PARA AS COORDENAÇÕES DA CNBB, CRB, AEC: Pedir que seja organizada a "Comissão Nacional de Estudos sobre a Mulher" conforme o n.º 16, letra f do Documento da XII Assembléia Geral da CNBB de 1973. Pedir que numa Assembléia Geral do Episcopado Nacional seja incluído como um dos temas o assunto: "Participação e Corresponsabilidade da Mulher na Igreja". Promover em nível Nacional, Regional e Diocesano, uma dinamização do tema "Promoção da Mulher" através de encontros diversificados e elaboração e divulgação de subsídios. Solicitar à Linha 5, Ecumênica do Nacional, que inclua a temática da Mulher em suas perspectivas. Promover subsídios e organizar celebrações para certas datas que envolvem a mulher.

PARA A CRB: Dar continuidade a esses encontros. Organizar um seminário de aprofundamento sobre a profissionalização da Religiosa. Enviar a cada Bispo, individualmente, o livro que

será publicado sobre a Mulher e outras publicações sobre o assunto. (Acompanhadas sempre de uma carta pessoal). Que o Nacional tente certos Encontros regionais aproveitando a participação das pessoas que estiveram nesse Encontro.

CNBB — CRB — ABESC — AEC —
Polarizar pessoas e grupos no meio universitário para aprofundar o estudo dos condicionamentos antropológicos e culturais da Mulher e aspectos específicos da condição feminina.

PARA SANTA SÉ — Pedir para que sejam incluídas mulheres peritas na elaboração do novo texto do Código do Direito Canônico e que sejam nomeadas religiosas competentes como membros da Direção da Sagrada Congregação dos Religiosos.

CETESP-II / 1976 **ABRIL, MAIO E JUNHO**

O Centro Teológico de Estudos e Espiritualidade para a Vida Religiosa, CETESP — I, da Conferência dos Religiosos do Brasil, foi inaugurado no dia 6 de agosto de 1975, em solenidade presidida pelo Pe. Elio Gâmbari, Subsecretário da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares. Com sede no Rio de Janeiro, funcionou regularmente com 52 alunos, nos meses de agosto, setembro e outubro, de segunda à sexta-feira, das 8 às 12 e das 13 às 15,30 horas. Treze semanas, 67 dias úteis intensos de estudo e vivência religiosa. Para o CETESP — II já foram expedidas aos Superiores Maiores as circulares e as fichas para as inscrições. Procure se informar com o seu Provincial ou com a sua Superiora Provincial.

NOVA COLEÇÃO DA CRB: **VIDA RELIGIOSA: TEMAS** **ATUAIS**

A Conferência dos Religiosos do Brasil passou a coeditar suas publicações a partir de setembro de 1975, com a Editora Vozes, de Petrópolis. Buscamos, em concorrência, entre as grandes editoras católicas, quem pudesse oferecer as condições melhores para editar e fazer circular nossas publicações. Tudo analisado, a Editora Vozes, de Petrópolis, foi quem preencheu mais satisfatoriamente as condições. Já desta nova fase de nossas publicações, apresentamos a você o primeiro lançamento.

A VIDA RELIGIOSA E A IGREJA NO PROCESSO DE LIBERTAÇÃO, Frei Leonardo Boff, OFM. Coedição: VOZES/CRB. Ano 1975. Páginas 101. Preço: Cr\$ 15,00 com 20% de desconto. Procure na sede de sua Regional.

Este livro tem três partes. Tenta situar a problemática geral da vida religiosa dentro de uma situação subdesenvolvida, num país subdesenvolvido, mas visualizando essas realidades num processo autêntico de libertação. Alarga os horizontes, aprofundando o tema em termos de Igreja. Termina contextualizando a realidade da vida religiosa no processo de libertação. "A vida religiosa participa das tristezas e das angústias como das alegrias e das esperanças de libertação do homem latino-americano. Sente a situação como desafio. Até que ponto a vida religiosa, com aquilo que ela é em sua identidade, ajuda o homem a se libertar? Até que ponto ela é obediente à voz de Deus que emerge de dentro do contexto concreto?" Um livro que visa uma problemática brasileira: a própria realidade de nossa vida religiosa aqui.

O USO DA BÍBLIA NA EVANGELIZAÇÃO

Frei Carlos Mesters, OC

O título "O Uso da Bíblia na Evangelização" estabelece os limites deste artigo. Outras são as exigências para o uso da Bíblia, por exemplo, no sermão, na catequese ou num curso bíblico. A "evangelização", o anúncio da Boa Nova, é fazer com que alguém possa descobrir o alcance da ressurreição de Jesus para a sua existência e que se produza nele o estado revelador que modifica o olhar sobre a vida pelo novo relacionamento com Deus através de Jesus Cristo. Como usar a Bíblia neste anúncio? Este é o nosso assunto.

1. Aquela vez que Jesus usou a Bíblia para despertar a vida

Trata-se do episódio dos discípulos de Emaús (cf 24, 13-35). Os dois amigos discutiam entre si os fatos da vida que eles não sabiam explicar (cf Lc 24,14). A condenação e morte de Jesus deixaram-nos desorientados e desanimados: "Nós esperávamos, mas..." (cf Lc 24,21). Caminhando com eles, Jesus comunicou-lhes a Boa Nova da ressurreição, fazendo uso da Bíblia.

A maneira como Jesus se apresentou. Não se apresentou na sua dignidade de Filho de Deus ressuscitado, exigindo obediência e submissão, mas como companheiro de viagem, amigo e anônimo, interessado, antes de tudo, no problema que preocupava os dois. Não começou a conversar, fazendo perguntas sobre Deus, sobre a fé ou sobre a Bíblia. Suas primeiras perguntas de quem colhia informações: "De

que é que vocês estão falando? Por que estão tristes?" (Lc 24,17). Eles é que tinham de oferecer o assunto a ser aprofundado à luz da Bíblia.

A maneira como Jesus usou a Bíblia. A Bíblia só foi usada, depois que o problema foi exposto e que apareceu para fora, pela boca dos próprios discípulos, o motivo do desespero (cf Lc 24,19-24). Ela foi usada como base comum da discussão. Ou seja, o pressuposto do uso da Bíblia era o de que tanto os discípulos como Jesus a aceitavam como uma palavra de autoridade divina. Foi usada não de maneira sistemática, mas de maneira seletiva. Isto é, o problema concreto, vivido e exposto pelos amigos, ofereceu a Jesus o critério para selecionar um determinado número de textos que cabiam naquela situação (cf Lc 24,27). Foi usada para trazer à memória algo que eles já conheciam mas que não fazia sentido para eles; algo que tinha a ver com o plano de Deus, anunciado pela Bíblia, e que agora se estava realizando naqueles fatos. Pois, Jesus introduziu o uso da Bíblia da seguinte maneira: "Então, não era necessário que o Cristo sofresse todas estas coisas para poder entrar na sua glória?" (Lc 24,26). Desta maneira, a Bíblia acordou nos dois o passado e este lhes revelou o sentido salvífico dos fatos que estavam matando neles a fé e a esperança. Aquilo que parecia ser um sinal de morte, transformou-se assim para eles num sinal de vida. Jesus não usou a Bíblia para que ela fosse decorada, mas para que esclarecesse a situação pro-

blemática que arrasava os dois. Numa palavra, a Bíblia foi usada para produzir uma mudança nos olhos dos dois pela qual começavam a ver os **mesmos** fatos de maneira **diferente** e a agir de maneira **nova**.

Valor e limites do uso da Bíblia. A Bíblia serviu para arrancar os fatos da ambivalência e apresentá-los como partes integrantes do plano de Deus. Mas ela não bastou para comunicar a fé. Só foi capaz de fazer arder o coração (cf Lc 24,32). Os dois continuavam no escuro, não enxergando ainda. A Bíblia, ela por si, só conseguiu acender uma luzinha. A luz que venceu a escuridão apareceu, de fato, na hora em que Jesus sentou com eles para romper o pão (cf 24,30). Aí, os olhos se abriram e eles reconheceram o Cristo vivo (cf Lc 24,31). Eles mesmos ressuscitaram e passaram da morte para a vida, da escuridão para a luz, da desgraça para a fé. Não basta alguém falar sobre a ressurreição, para que o outro creia. As mulheres falaram sobre isso, mas os dois não acreditaram (cf Lc 24,22-23). A novidade da ressurreição é tão grande, que não cabe na cabeça dos homens. O anúncio deve ter uma autoridade maior, capaz de vencer a resistência da descrença. Deve ter a autoridade do próprio Deus. As palavras sobre a ressurreição devem ser apoiadas e esclarecidas pelo passado que o povo viveu com Deus; passado que está descrito na Bíblia. Foi o que Jesus fez. Mas nem a luzinha do texto bíblico, ela só, bastou para vencer a descrença nos dois.

O decisivo mesmo é que o **texto** antigo da Bíblia seja usado dentro de um **con-texto** mais amplo de ressurreição. Jesus colocou um gesto, que abriu os olhos dos dois, e permitiu, assim, que eles o reconhecessem como presença viva no meio deles. Não só falava **sobre** a ressurreição, mas a colocou presente. Este **contexto** mais amplo do gesto de Jesus esclareceu o sentido verdadeiro do **texto**. Texto e contexto juntos provocaram o relâmpago da descoberta do Ressuscitado que eliminou descrença e o desânimo. Há uma interferência mútua entre o gesto e a palavra, entre o contexto e o texto, entre a experiência da ressurreição no presente e o texto do passado que a ilumina. Os dois influem sobre os olhos que observam os fatos e lêem os textos. O gesto concreto que provocou o estalo revelador e que desencadeou a compreensão foi o gesto da "fracção do pão", gesto de reconhecimento e de amizade, interpretado por São Lucas como celebração da Eucaristia(cf At 2,42). A celebração da eucaristia é vista como o contexto da ressurreição, onde se constrói o ambiente em que os textos possam ser ouvidos e entendidos plenamente. Qual o contexto de ressurreição que hoje permite entender as palavras do anúncio da Boa Nova da ressurreição?

2. Como os apóstolos usaram a Bíblia no anúncio da Boa Nova

Os primeiros capítulos dos Atos dos Apóstolos registram alguns discursos, em que os apóstolos anun-

ciam a Boa Nova da ressurreição, fazendo uso da Bíblia.

O ponto de partida do anúncio da ressurreição. O ponto de partida não foi o texto da Bíblia, mas um fato da vida que estava causando problemas: (1) O barulho do vento e o falar em línguas no dia de Pentecostes questionaram os habitantes e peregrinos de Jerusalém(cf At 2,6-8). Eles acorreram para saber o que estava acontecendo e já começaram a dar a sua interpretação: "Estão bêbados!"(At 2,13). (2) A cura do coxo na porta do templo, realizada por Pedro(At 3,1-8), levantou uma pergunta. O povo, que conhecia o fulano, via-o andando e se perguntava como é que ele ficou curado(cf At 3,9-10). Achavam que Pedro devia ter uma força especial(cf At 3,12). (3) A pregação corajosa dos apóstolos, gente sem instrução, causava espanto até nas autoridades (cf At 4,13). Não entendiam o que estava acontecendo. Elas também queriam saber com que poder e em nome de quem eles tinham feito aquela cura(cf At 4,7).

Estes fatos, situações e gestos provocavam perguntas e questionavam a fé. Algo sugeria que neles se fazia presente uma coisa que poderia ter uma influência decisiva sobre o destino daqueles que os presenciavam. Por isso, o povo buscava uma explicação. É esta busca variada, motivada pelos problemas da vida, que vai servir aos apóstolos como porta de entrada para o anúncio da Boa Nova.

O anúncio da ressurreição como interpretação dos fatos da vida. Onde necessário, os apóstolos começam o discurso, desfazendo a interpretação errada dos outros(cf At 2,15; 3,12). Em seguida, vem o anúncio que consiste em apresentar a Ressurreição não como uma realidade estranha à vida dos ouvintes, mas como uma força que se revela dentro dos fatos e que tem a sua origem na ressurreição de Jesus.

(1) O barulho do vento e o falar em línguas aconteceram, porque Deus ressuscitou Jesus e lhe deu o dom prometido do Espírito Santo. A efusão deste Espírito é que estava provocando os fenômenos estranhos a que o povo presenciava(cf At 2,32-33). (2) A cura do coxo foi realizada por Pedro em Nome de Jesus. Pedro pôde fazer isso, porque Jesus estava vivo pelo poder de Deus. Não ficou na morte(cf At 3,15-16). (3) O terceiro discurso, pronunciado diante das autoridades, responde à mesma pergunta suscitada pela cura do coxo(cf At 4,10). Além disso, os Apóstolos explicam a sua atitude corajosa, dizendo que não podem silenciar o que viram e ouviram. Por causa da sua fé na ressurreição, eles não têm mais medo e enfrentam as autoridades, afirmando que preferem obedecer a Deus que aos homens(cf At 4,19-20). Ora, esta interpretação dos fatos, feita à luz da ressurreição, é permeada de citações bíblicas, do começo ao fim.

O uso da Bíblia no anúncio da Boa Nova da Ressurreição. Os fatos não eram transparentes, pois permitiam outras interpretações.

Nem adiantava interpretá-los como sinais da ressurreição, pois tal interpretação teria o mesmo valor como a outra feita pelo povo. A autoridade maior, invocada para apoiar a interpretação cristã dos fatos, é a Bíblia. A Bíblia era o passado comum tanto dos judeus como dos cristãos. Em Jesus, a estrada comum bifurcava. Ambos pretendiam ser os herdeiros da promessa, feita por Deus ao povo no passado. O problema todo consistia em saber a quem dos dois a Bíblia, o passado, dava razão. É aqui, neste problema, que está o motivo do uso que faziam da Bíblia no anúncio da Boa Nova. Era para mostrar que o passado vivido com Deus apoiava o caminho indicado por Jesus e seguido pelos cristãos. Aqui também está a causa do conflito das interpretações cristã e judaica da Bíblia, causado pela luz diferente que estava nos olhos dos que olhavam os fatos e liam a Bíblia. Um exemplo concreto deste conflito é o discurso do diácono Estêvão, como depois veremos.

A Bíblia foi usada pelos apóstolos para mostrar que os fatos, por eles interpretados como sinais de ressurreição, não eram inteiramente novos. Já estavam previstos dentro do plano de Deus que neles se estava realizando(cf At 2,16-21.2432; 3,20-24; 4,11). O uso da Bíblia arrancou os fatos da faixa da mera curiosidade que permite opinar livremente sem maior compromisso, e os transformou em apelos de Deus à consciência dos ouvintes. Os fatos eram a prova de que Deus, ressuscitando Jesus, foi fiel ao passado e à promessa, e de que os judeus, ma-

tando Jesus, foram infiéis, que renegaram o passado e desobedeceram ao plano de Deus. Assim interpretados, os fatos acusavam os ouvintes e, através deles, Deus pedia que se arrependessem, que mudassem de idéia e de vida e comesçassem a acreditar em Jesus como único caminho de salvação(cf At 2,38; 3,26; 4,12).

Também aqui, o **texto** antigo é usado dentro de um **contexto** de ressurreição. Os apóstolos não só falavam **sobre** a ressurreição, mas a colocavam presente através do testemunho que eles davam e dos gestos que colocavam. Há, além disso, uma preocupação constante em apresentar estas palavras e gestos em ligação estreita com a comunidade dos cristãos(cf At 2,42-47; 4,23-35). A comunidade dos cristãos é o contexto de ressurreição, de onde surgem os gestos e as palavras. Ela é como a caixa de ressonância e o pano de fundo, onde atua o Espírito de Cristo ressuscitado que dá vida e sentido às palavras da Bíblia(cf 2 Cor 3,6; 3,12-18) e que introduz os cristãos na compreensão plena das coisas(cf Jo 14,26; 16,13). O **texto** antigo só consegue influir sobre o **pré-texto** da descrença, do desânimo ou da rebeldia, quando for usado dentro do **contexto** de uma comunidade viva. A Bíblia foi usada como **prova** da ressurreição. A ressurreição de Jesus não se prova, mas se aceita na fé. A Bíblia foi usada como **meio** para explicitar e verbalizar a fé dos cristãos na ressurreição e ainda como meio para acordar nos outros este mesmo olhar de fé e levá-los a perceberem nos fatos o que eles mesmos,

os cristãos, aí perceberam, a saber, a presença atuante de Jesus ressuscitado como nova e definitiva expressão da presença libertadora de Deus no meio deles.

3. O uso que o diácono Estêvão faz da Bíblia no anúncio da Boa Nova

O discurso de Estêvão(cf 7,1-53) é complicado e difícil e revela um uso todo particular da Bíblia. Estêvão tem diante de si pessoas que querem aprisionar a mensagem do Evangelho dentro das categorias de uma interpretação judaica da Bíblia e que, por isso mesmo, não querem aceitar a novidade de Cristo. Resistem à mudança por motivos religiosos, considerados da vontade de Deus, porque tirados da Bíblia.

O **pressuposto comum do uso que Estêvão faz da Bíblia**. Este pressuposto, aceito também pelos ouvintes de Estêvão tinha três aspectos: (1) A fé comum de que a Bíblia continha a palavra de Deus que exigia obediência. (2) A convicção comum de que a Bíblia era como um espelho em que o leitor encontrava o reflexo crítico da sua própria vida. Isto é, a Bíblia era para eles uma espécie de experiência-modelo que servia de norma (cânon) no julgamento dos fatos. (3) A esperança comum de que o Messias haveria de vir como um novo Moisés. Isso explica por que o comportamento do povo para com o antigo Moisés recebe uma atenção tão grande no discurso. Era

para Estêvão a imagem profética do comportamento dos judeus para com o novo Moisés, Jesus.

O discurso é uma releitura da história da Bíblia, feita à luz do presente, vivido por Estêvão e o seu auditório. Estêvão começa a sua exposição, mostrando o carinho com que Deus tinha preparado tudo, desde Abraão, para poder realizar a libertação do Egito por meio de Moisés (cf At 7, 1-22). Em seguida, ele passa a descrever a atuação de Moisés. Rejeitado uma primeira vez pelo povo, apesar da sua boa vontade (cf At 7, 23-29), Moisés recebe de Deus a missão de libertar este mesmo povo (cf At 7, 30-38). Em seguida, Estêvão se detém em descrever a resistência encontrada por Moisés por parte do próprio povo, na sua tentativa de libertá-lo (cf At 7, 39-50). A conclusão, estranha para nós, mas muito natural dentro do pressuposto comum do uso que se fazia da Bíblia, foi uma arrancada violenta contra os ouvintes: "Cabeças duras! Tapados de olhos e de ouvidos! Vocês sempre resistem ao Espírito Santo! Como os pais, assim são vocês! Qual dos profetas vocês não perseguiram? Mataram aqueles que predisseram a vinda do Justo, aquele mesmo que vocês acabaram de trair e de matar, vocês que receberam a lei pelo ministério dos anjos; vocês não a observaram!" (At 7,51-53). Esta acusação encheu as medidas. Mataram Estêvão a pedradas, sem forma de processo (cf At 7,54).

Particularidades do uso da Bíblia no discurso de Estêvão. O discurso é um tecido inteligente de citações da Bíblia, feita de tal maneira que transpareça bem claramente a rebeldia contínua do povo contra o plano de Deus. Desta maneira, Estêvão transformou os textos antigos numa luz fortíssima que fazia aparecer as sombras nos ouvintes. Estêvão usou a Bíblia como um espelho que refletia a luz de Deus sobre o auditório. Eles não gostaram da luz e dela se esconderam, matando Estêvão (cf Jo 3,20-21). Estêvão atacou o refúgio em que os judeus se tinham entrincheirado contra o avanço do Evangelho, a saber, a interpretação judaica da Bíblia, e mostrou que era um refúgio falso. Em vez de negar Jesus, a Bíblia o anunciava, inclusive, a resistência dos judeus contra Jesus, o novo Moisés. A interpretação de Estêvão conscientizou os ouvintes a respeito da sua própria rebeldia contra o plano de Deus. Mas eles não quiseram reconhecer-se culpados e mataram Estêvão. Sinal de que entenderam muito bem o que ele queria dizer-lhes.

Toda a trama do discurso mostra que o uso da Bíblia não era motivado pela vontade de ensinar a história do passado. O eixo da interpretação de Estêvão não era voltar ao sentido que o texto tinha no momento de ele ser escrito. Esta parte era suposta como conhecida. O eixo era trazer o texto do passado para dentro do presente, para que denunciase a incoerência dos judeus com os seus próprios princípios e para que fizesse estourar a estreiteza de espírito, em que este mesmo passa-

do fora aprisionado por eles. O uso da Bíblia foi motivado pela vontade de realçar a exemplaridade da história bíblica para aquele momento concreto em que os judeus se encontravam, resistindo contra o Evangelho. Estêvão pagou caro a sua coragem.

4. Algumas conclusões sobre o uso da Bíblia no anúncio da Boa Nova

Nos episódios aqui analisados, transparece uma tríplice preocupação com relação ao uso da Bíblia no anúncio da Boa Nova da ressurreição: a preocupação de interpretar a Bíblia, partindo dos problemas concretos da vida; a preocupação de situar os fatos do presente no prolongamento do passado, descrito na Bíblia; a preocupação de explicar o texto bíblico num contexto de ressurreição. A mesma coisa pode ser dita de outra maneira. Os primeiros cristãos procuravam ligar o anúncio da Boa Nova ao presente do povo, através da interpretação dos fatos da vida; ao passado do povo, através da interpretação da Bíblia; ao futuro do povo que é a ressurreição, através do contexto da comunidade onde o futuro se faz presente em Jesus ressuscitado.

Três coisas são necessárias, para que o anúncio da Boa Nova possa atingir o seu objetivo: (1) deve partir do **pré-texto** da vida daqueles a quem é anunciada a Boa Nova; (2) deve ser confirmado pelo **texto** da Bíblia; (3) deve ser apresentado dentro do **con-texto** da fé da comunidade na ressurreição. Faltando

um destes três elementos, o anúncio perde a sua eficácia e corre o risco de não atingir o seu objetivo. Não são três elementos distintos. Atuam juntos e influenciam-se mutuamente. Os três são a expressão metodológica da unidade do plano de Deus que abrange passado, presente e futuro numa unidade.

Ligar o anúncio ao passado do povo. O Evangelho não é algo que vem de fora. É uma força divina, que já estava preparando a sua chegada, desde a origem do povo, e que agora desabrochou na ressurreição de Cristo. O anúncio da ressurreição é um **Bom** anúncio, porque vem confirmar tudo o que foi vivido e suportado, na esperança, até àquele momento. Em Jesus, Deus disse "Sim!" a todas as promessas (cf 2 Cor 1,20). Este foi o grande motivo que levou Paulo a dizer "Amém!" a Deus e a crer em Jesus (cf 2 Cor 1,20). O Evangelho não pede que se renegue o passado. Pelo contrário, ele o confirma e o leva para o futuro. Em termos nossos, diríamos: em Jesus, Deus veio dizer "Sim!" a todas as aspirações e esperanças que a vida, sinceramente vivida, nos sugere e apresenta. Dizer "Amém!" ao Evangelho e aceitar o Cristo é o mesmo que dizer "Amém!" à vida, para que esta possa ser levada à sua plenitude, além das suas próprias limitações, pela força de Deus.

Ligar o anúncio ao presente do povo. O Evangelho é anunciado por uma palavra que vem de fora, mas que aponta para coisas que nascem

de dentro: os fatos, os gestos, as atitudes. É nestes atos, gestos e atitudes que a força da ressurreição aflora e que o longo passado desabrocha em flor. Partir dos problemas que a vida levanta é muito mais do que um expediente didático. É a expressão da convicção de fé de que a força da ressurreição atua é dentro da história humana. É a expressão da convicção de fé de que o presente do povo é o caminho por onde a promessa do passado segue para a sua realização futura.

Ligar o anúncio ao futuro do povo. O futuro é a ressurreição, da qual Cristo ressuscitado é a garantia e a amostra-grátis. Nele o futuro se antecipou e se fez presente na comunidade que em torno a Ele se constrói. É na comunidade que aparece o que Deus nos tem a dizer. Ela é a "carta de Cristo, escrita não com tinta mas com o Espírito do Deus vivo, não sobre pedra mas nos corações" (2 Cor 3,3). Esta carta viva esclarece e dá vida e sentido à carta escrita da Bíblia.

5. Diferença do uso da Bíblia, ontem e hoje

Esta maneira de usar a Bíblia no anúncio da Boa Nova é bem diferente da maneira como se costuma usar a Bíblia hoje em dia. Focalizemos três pontos.

Primazia do sentido-para-nós sobre o sentido-em-si do texto. Nestes episódios, aqui analisados, a Bíblia não foi usada para que os outros

chegassem a conhecer melhor o conteúdo da Bíblia, o seu sentido-em-si. Este, todos já o conheciam desde pequenos, pois existiam cursos para isso. A Bíblia foi usada para que os outros chegassem a conhecer o sentido que aqueles textos já tão conhecidos tinham **para eles**, naquele momento exato da sua vida. O eixo da interpretação era ligar o texto antigo ao contexto novo da vida, em que viviam os cristãos e os judeus. Hoje em dia, porém, o eixo da interpretação parece ser descobrir, com a maior clareza possível, o sentido que o texto tinha em si, no momento de ele ser escrito.

✧ **Primazia da vida sobre o texto escrito.** O objetivo do uso da Bíblia no anúncio da Boa Nova não era explicar e interpretar a Bíblia, mas era explicar e interpretar o problema da vida por meio da Bíblia, para que os ouvintes chegassem a entender e a viver os fatos como partes integrantes do plano de Deus. A explicação do texto é necessária, mas apenas como etapa que deve levar ao objetivo que fica, além do texto, na vida dos homens. Hoje em dia, porém, o objetivo da interpretação da Bíblia parece esgotar-se na explicação do texto. A sua significação para a vida já não parece pertencer à função do intérprete.

Primazia da luz da fé sobre a luz da razão. Os ouvintes já conheciam os textos ou, quando necessário, podiam encontrá-los na Bíblia. Mas este conhecimento não bastava para perceber o sentido dos textos.

6. O fundamento último deste uso da Bíblia no anúncio da Boa Nova

Vida e Bíblia: os dois volumes da mesma obra divina. “Sem o pecado, teria bastado o símbolo do mundo na sua inalterada transparência; mas, agora, para poder decifrá-lo, temos necessidade da ajuda da Escritura”. Esta frase dos Santos Padres sintetiza em poucas palavras o fundamento do uso da Bíblia, analisado nos parágrafos precedentes. A Bíblia tem por fim ajudar o cristão para que ele possa “decifrar o mundo”. Pelo pecado, a realidade da vida tornou-se opaca e perdeu a sua transparência, não tanto por causa dela mesma, mas mais por causa dos olhos que a contemplam e procuram entendê-la e que, por falta de luz, a deturpam e estragam. Por isso, veio e existe a Bíblia. Sua função principal consiste em explicar e explicitar o sentido verdadeiro da vida.

A Bíblia é como um catálogo, feito pelo próprio artista, para explicar o sentido das peças de arte, expostas na exposição. A Bíblia é o catálogo do mundo que o cristão recebe do Criador, para poder compreender melhor o sentido das peças da vida. Ela explica o sentido que o artista aí colocou, denuncia os estragos dos vândalos e ensina o sentido que o aprendiz, o homem, deve colocar na vida, para consertar os estragos e completar a obra. A Bíblia não é fim em si mesma, não é centro de nada. Ela aponta, para além dela mesma, em direção à vida que pede uma interpretação. Ela tem por fim tornar falante o “Livro da vida”.

A luz que tira o véu e faz enxergar o sentido divino da Bíblia não é a luz da razão, mas aquela que nasce da conversão para Cristo (cf 2 Cor 3,16). É o Espírito de Cristo que ilumina os olhos, liberta o leitor da prisão da “letra que mata” e “confere vida” ao texto (cf 2 Cor 3,6). Pois, “onde há o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Cor 3,17). Hoje em dia, porém, esta luz da fé parece não contar muito. O que conta mesmo é o rigor científico na análise dos textos. Não faz tanta diferença se o intérprete é ateu ou crente. O que importa é que tenha amor à verdade e use bem os critérios da ciência. Com estas afirmações não queremos dizer que o uso atual esteja errado. Mas queremos apenas dizer que nós, hoje, podemos aprender alguma coisa dos antigos para aperfeiçoarmos a nossa maneira de explicar a Bíblia.

Aqui termina a primeira parte deste artigo. Vamos aprofundar o que foi dito, abrir num leque maior os seus galhos e descobrir o seu alcance para o uso que nós devemos fazer da Bíblia no anúncio da Boa Nova.

Deus escreveu dois livros. H. de Lubac, usando frases dos Santos Padres, sobretudo de Santo Agostinho, exprime estas coisas da seguinte maneira: "Atualmente, esta grande fábrica do mundo ficou quase inteiramente opaca. Só revela o seu sentido com muita dificuldade e trabalho demorado da nossa mente. Há necessidade de um **outro livro**, mais legível, **para comentar o primeiro**. Por isso, o Espírito Santo, o dedo de Deus, que já tinha escrito as cartas da Criação, pôs mãos à obra para compor este novo livro e estendeu sobre nós o céu das Escrituras. É como que um novo Firmamento, o qual, como o primeiro, narra o poder de Deus e, mais do que o primeiro, canta a sua misericórdia. Graças a elas nos foi restituído o olhar da contemplação e, assim, toda a criação torna-se para nós uma revelação de Deus (teofania)."

Com outras palavras, Deus escreveu dois livros: o livro da vida e o livro da fé. Deus fala a mesma linguagem através da vida e através da Bíblia. O segundo livro, a Bíblia, existe em função do primeiro. Ela nos restitui o olhar certo para ler e entender a vida, "o olhar da contemplação". Ela existe para "comentar o primeiro livro", para ajudar os homens no conserto da vida estragada pelo pecado. Usar a Bíblia só para ensinar o seu conteúdo, sem ligação com a vida, é o mesmo que estudar bem o sal e esquecer de temperar com ele a comida.

Ora, Jesus, Pedro e Estêvão usavam a Bíblia para com ela transformar os fatos da vida em revelação

de Deus aos homens. Na prática pastoral dos primeiros cristãos já atuava esta visão da Bíblia, que o gênio de Santo Agostinho conseguiu tematizar, dizendo que Deus escreveu dois livros. O fundamento deste uso da Bíblia que não quer parar no sentido-em-si do texto, mas atingir nele o seu sentido-para-nós, é a continuidade que existe entre a palavra criadora e a palavra salvadora. Ao tentarmos unir vida e Bíblia, não unimos o que nunca esteve ligado entre si, não obedecemos apenas a um capricho de metodologia, mas reconciliamos o que antes fora separado pelo pecado.

Frente à pintura rasgada da vida. Dissemos que o uso da Bíblia deve partir do **pré-texto** daqueles a quem é anunciada a Boa Nova. Por **pré-texto** entendemos aquilo que **pré-existe** na vida dos homens, antes que alguém chegue perto deles com o anúncio da ressurreição. São os fatos, as situações ou gestos que provocam perguntas ou questionam a fé. É tudo que dá para rir e para chorar. Este **pré-texto**, esta vida nossa, é como uma pintura rasgada; toda desfeita em muitos pedaços, confusa, sem nexos, sem muito sentido. Desfigurou-se o rosto que nela foi impresso no dia da criação e que lhe dava unidade e transparência, valor e beleza. Foi rasgado pelo pecado. Não aparece mais. Apagou-se o seu sorriso. Nuvens escuras fizeram desaparecer a sua luz. O homem separou-se de Deus Pai e perdeu a consciência de filho e de irmão. Tudo ficou desarrumado. Viciou-se na sua raiz o relacionamento humano que deixou de ser fraterno.

Nunca ninguém viu este rosto, pois a pintura da vida já estava rasgada desde que nascemos. Mas ele existe. É possível ver ainda os seus traços, rasgados, perdidos, naqueles pedaços, e vislumbrar, de vez em quando, algo da sua presença e beleza, por exemplo, num gesto de bondade, numa morte sofrida pelos outros, numa criança ou num pôr do sol; na simplicidade das atitudes do povo, no seu amor à verdade, na sua grande dedicação à vida, na sua solidariedade; numa flor ou no canto de um passarinho; numa oração, num beijo ou num abraço amigo; num grande amor ou numa dor terrível e mesmo nas próprias contradições da vida; num ato de justiça ou de fraternidade; nos anseios que agitam o coração humano ou nas realizações da técnica moderna; numa poesia, numa canção ou até numa piada que provoca riso; enfim, em tudo que dá para rir e para chorar. Infinitas possibilidades, diferentes, conforme cada um é diferente do outro. Traços de um rosto tão lindo, que ninguém é capaz de vencer a saudade que este rosto, mesmo rasgado e conspurcado, mesmo desconhecido e velado, provoca na alma humana.

Quem nos pode revelar os traços deste rosto e trazer-nos a Boa Nova da sua presença e amizade? Quem é capaz de consertar esta pintura rasgada e restituir-lhe a sua beleza? Quem?

7. O pressuposto básico do uso da Bíblia na evangelização

Como descrever um rosto? Quando falo do rosto do meu amigo, descrevendo um por um os seus traços, dou a impressão de estar falando de uma coisa que se aplica a muitos: olhos azuis, cabelo castanho, barba cerrada, etc. Nada mais fácil do que descrever, um por um, os traços de um rosto. Nada mais difícil do que comunicar, através da descrição, a imagem própria e inconfundível do rosto do meu amigo. Se o outro, a quem quero comunicar a descrição, desconhece o rosto e nunca teve um encontro com o meu amigo, não há descrição que chegue. Ele não vai poder criar dentro de si a imagem própria e inconfundível do rosto que eu quero transmitir-lhe. Ele o deve ter visto, ao menos uma única vez, para que a descrição possa acordar nele a memória, desenterrar quem sabe a saudade que lhe ficou daquele primeiro encontro, e suscitar nele o desejo de reencontrar e conhecer mais de perto este rosto amigo de que tanto se fala e com tanto amor.

Houve o primeiro encontro. Ora, a interpretação cristã da Bíblia parte do **pressuposto gratuito**, não comprovado pela ciência, mas fornecido pela fé, de que houve este primeiro encontro do homem com Deus. Criada por Deus e para Deus, a humanidade sente a saudade da sua Origem e a atração do seu Destino, sem conseguir defini-las exatamente, pois delas não tem

mais lembrança. A memória dorme no fundo da consciência, à espera de quem possa despertá-la e liberar, enfim, a sua força reprimida. A Bíblia nos foi dada como despertador da memória da vida. As partes que compõem a vida, a história, a natureza, e as que compõem a obra da salvação, todas juntas, são como os traços de um rosto, o rosto de Deus. A Bíblia é a sua descrição. A sua mensagem é Deus, Ele mesmo, enquanto nos quer bem.

O olhar de fé que deve informar o uso da Bíblia no anúncio da Boa Nova. O uso da Bíblia no anúncio da Boa Nova tem por fim revelar este rosto e apontar a sua presença nos pedaços rasgados da vida. Quer desenterrar do fundo da memória dos homens a saudade que lá ficou e transformá-la em esperança. Ela parte da fé de que está em andamento na história um misterioso desígnio, pelo qual Deus reconduz todos os homens para casa, para dentro de si mesmos, a fim de encontrarem, lá na raiz da sua existência, o Autor e o Destino da sua vida. Ela parte da fé de que a "letra" da Bíblia se abre para o "Espírito", de que a criação está destinada à salvação, e de que a história humana terminará na liberdade total da ressurreição. Supõe a fé de que o Espírito atua dentro da letra, de que a salvação atua dentro da criação, e de que a força libertadora da ressurreição está atuando dentro da história concreta dos homens. O uso da Bíblia no anúncio da Boa Nova procura tirar o véu que encobre este aspecto es-

condido da realidade e tenta mostrar, assim, que nós homens vivemos alienados de nós mesmos e do nosso passado, porque vivemos alienados da nossa Origem e do nosso Destino que é Deus. Desta maneira, o uso da Bíblia transforma a realidade num apelo de Deus à conversão.

8. O objetivo último do uso da Bíblia no anúncio da Boa Nova

Acordar a memória da vida. São Paulo já dizia que todos os homens, estimulados pela sua Origem, — "pois somos todos da raça de Deus", — "procuram a Deus e se esforçam por encontrá-lo como que às apalpadelas, pois na verdade Deus não está longe de cada um de nós. Por que nele vivemos, nos movemos e existimos" (At 17,27-28). Apesar de não termos mais lembrança desta nossa Origem, ela atua em nós e nos faz viver acossados, insatisfeitos, buscando sempre, sem encontrar o que desejamos, pois "Deus é maior do que o nosso coração" (1 Jo 3,20). Mas quando alguém consegue apresentar os traços do rosto deste Deus e verbalizar o que dorme no fundo da alma, então, forçosamente, a saudade se esclarece por dentro e se transforma em esperança. A memória da vida acorda e nos faz dizer: "Já o devo ter visto, mas não sei mais aonde."

Ora, usando a Bíblia no anúncio da Boa Nova, o cristão não pretende outra coisa do que descrever os traços deste rosto amigo, escondido e misturado nas coisas miúdas e grandes da vida e da história, espe-

rando que eles produzam no outro o estalo revelador; que ele acorde e diga: "Já o devo ter visto, mas não sei mais aonde!" Este estalo ou este acordar da memória que é, ao mesmo tempo, um reencontro do homem consigo mesmo e com o seu passado pessoal e coletivo, é a porta por onde a mensagem do Evangelho faz a sua entrada na vida dos homens. No início talvez tateando, como que às apalpadelas, mas na medida em que a experiência se aprofundar, com uma claridade sempre maior.

"Deus tudo em todos". Quando no futuro a esperança se realizar, matando a saudade que ficou, nesse dia, estará terminada a tarefa de anunciar a Boa Nova, pois "Deus será tudo em todos" (1 Cor 15, 28). Então, não haverá mais necessidade de intérprete nem de evangelizador, "ninguém mais terá o encargo de instruir seu próximo ou irmão, dizendo: 'Aprenda a conhecer o Senhor!', porque todos Me conhecerão, grandes e pequenos" (Jer 31,34). Então, Deus será como o sol que tudo ilumina, tirando do mundo a escuridão do mal (cf Aps 22,5). Por ora, olhamos como que num espelho embaçado, então o veremos a Ele assim como Ele é (cf 1 Cor 13,12).

Por tudo isso, o povo não encontrará nem pode encontrar no anúncio da Boa Nova algo de totalmente estranho e desconhecido. Pelo contrário, ele deve poder encontrar nela a formulação inesperada das suas mais profundas aspirações; deve poder reencontrar aí algo de si mesmo e do seu passado, a devo-

lução da sua esperança perdida, uma Boa Nova que lhe devolve a sua identidade de gente. Encontrará, inclusive, a formulação clara da pergunta que o fazia viver acossado, sem descanso, e reconhecerá: "Tu nos fizeste para Ti, e o nosso coração estará irrequieto, até que não descanse em Ti" (S. Agostinho). Pois em todos existe a saudade da Origem, que é o Deus Criador, esquecida mas não eliminada pelo pecado, nem mesmo na nossa sociedade moderna e secularizada. O uso da Bíblia no anúncio da Boa Nova procura devolver a todos os elementos da vida a sua qualidade de "traços de um rosto", o seu aspecto de "meio de comunicação" com a pessoa que aí se revela, o seu aspecto de "símbolo" ou de "sacramento", para que tudo, de novo, se transforme em revelação da presença libertadora de Deus que aí está na raiz de tudo. Ou, no dizer de S. Agostinho, graças à Bíblia, nos foi restituído o "olhar da contemplação e assim toda a criatura torna-se para nós uma teofania".

9. A serviço da comunhão e da reconciliação

O uso da Bíblia no anúncio da Boa Nova não se reduz a um trabalho intelectual de alguns contemplativos que distribuem idéias bonitas sobre Deus e sobre a vida, mas faz parte integrante da ação e do objetivo da Palavra Criadora e Salvadora de Deus.

Tirar o pecado do mundo... A palavra salvadora do Evangelho ataca o mal do mundo na sua raiz.

A raiz do mal, o pecado original, é o homem estar alienado de si mesmo e da sua realidade, por ter rompido com Deus. Não se encontrando mais com a sua Origem nem com o seu Destino, o homem já não consegue encontrar-se consigo mesmo nem com os outros. Pois a alienação do homem não é só cultural, social ou psicológica, nem só política ou econômica. Estas, o homem consegue descobri-las e deve tentar curá-las. A sua cura, porém, não poderá ser perfeita, se ela não levar em conta a alienação que está na raiz de todas as outras, a saber, o homem estar desligado de Deus. Esta raiz está tão fundo no homem e o envolve de tal maneira, que ela escapa à observação da razão. O homem só sente os seus efeitos desastrosos na vida rasgada e dividida em que está submerso, cheio de alienações de todo tipo.

...pela reconciliação universal. Ora, pela revelação, Deus vem ao encontro desta situação do homem. Revelando-se como Pai, ele revela-nos a existência desta raiz do mal. Adotando-nos como filhos, em Jesus Cristo, nosso irmão, indica o caminho para atacá-la. Comunicando-nos o Espírito, oferece a força para combater o mal e vencê-lo na sua raiz contra os poderes que querem manter e revigorar esta situação do mal. Pela revelação que fez de si mesmo, Deus "fala aos homens como a amigos, entretendo-se com eles e convidando-os à participação da sua intimidade" (*Dei Verbum*, 2). Deus se fez homem, para que o homem pudesse entrar em comunhão mais direta com Deus

e chegar a conviver com Ele na condição de filho e com os outros na condição de irmão.

Deste mistério da comunhão dos homens com Deus e dos homens entre si, a Igreja é chamada a ser o grande sinal (cf *Lumen Gentium*, 1). Orientados por esta visão do futuro, recebida da sua fé e antecipada na comunidade, os cristãos devem lutar, junto com os outros, na eliminação das alienações que estragam a vida humana e esforçar-se para encontrar e apresentar um sentido que dignifique a vida humana. Assim constroem o **contexto** que dará sentido e vida ao **texto** da Bíblia, usado no anúncio da Boa Nova.

Colocar o homem em contato com o Novo de Deus. O "Evangelho de Deus" não é uma renovação cultural, não é uma renovação teológica das nossas idéias ou da doutrina, não é uma renovação social ou política, não é nem sequer uma renovação religiosa. O Evangelho quer é colocar o homem em contato com o Novo, com o Futuro. Isto é, quer fazer explodir dentro da consciência do homem a verdade antiga e sempre nova que é Deus-conosco. Deus, ele mesmo, é sempre mais novo do que tudo o que nós possamos pensar ou dizer a respeito dele. O contato com este Novo é extremamente renovador, pois revoluciona na sua raiz o relacionamento entre os homens, dando-lhes consciência de filho e de irmão. E tendo condições para penetrar onde quer penetrar, esta Boa Nova há de revolucionar e renovar tudo, a cultura, as idéias, a socie-

dade, a política, a estrutura econômica, tudo que é humano, até que não sobre mais nada de antigo, incompatível com este Deus.

O pensamento foi seguindo o seu caminho. Começando com uma análise do uso que Jesus fez da Bíblia e passando pelos exemplos que nos deixaram os apóstolos e o diácono Estêvão, procuramos alargar para nós a visão que eles tinham da Bíblia. Nisso fomos ajudados pelos Santos Padres. Agora no fim, nenhuma receita concreta foi dada. Mas, ao que nos parece, três sugestões se impõem para o uso da Bíblia no anúncio da Boa Nova: (1) É necessário dar sempre uma atenção muito grande à vida concreta dos homens. (2) É necessário ter uma fé muito grande de que Deus atua na vida e na história dos homens. (3) Existe uma necessidade muito grande de uma experiência comunitária do Deus que ressuscita os homens em Jesus Cristo. Sem este último contexto comunitário de ressurreição, o anúncio pode fracassar por falta de apoio e de sentido.

Os religiosos são os que, na Igreja, não casam por causa do Reino (cf Mt 19,12). Eles antecipam ou deveriam antecipar, desde já, o futuro de Deus (cf Mc 12,25). Vivendo assim, contribuem ou deveriam contribuir, para que exista na Igreja o contexto da Ressurreição que torna o anúncio da Boa Nova mais verídico e mais aceitável.

Qual o contexto que hoje se exige, para que os homens possam crer no anúncio da Boa Nova? Será que não é tornar visível, aos olhos de todos, que Deus disse "Sim" à

vida e às aspirações profundas que agitam o coração humano? Será que não é tornar visível a denúncia radical do Evangelho contra tudo o que desumaniza, divide, oprime e marginaliza a vida de tantos? Será que não é dar forma e conteúdo à esperança dos homens, apresentar um modo de viver que exprima e concretize aquilo em que se acredita, ter a coragem de viver a gratuidade da verdade antiga e sempre nova que é Deus Conosco, e recusar qualquer apoio ou segurança que não seja este Deus, Pai de Jesus Cristo? Será que não é seguir decididamente a Cristo que anunciava a Boa Nova aos pobres, que curava os cegos e os coxos, libertava os cativos e ressuscitava os mortos? Cristo, agindo assim, criava o contexto que dava à sua palavra. Mostrava o radical desacordo do sentido que Deus oferece para a vida humana, com o sentido que estava sendo imposto a esta vida pelos que detinham o saber e o poder. Uma vida assim não será compreendida, será "escândalo e loucura" para uns, e para outros será "a manifestação do poder de Deus e da sabedoria de Deus" (cf 1 Cor 1,22-23).

Qual o contexto que os religiosos de fato oferecemos hoje em dia? Em que Deus acreditamos? Onde estamos de fato, no mundo de hoje? Estamos com Cristo do lado dos pecadores, das prostitutas, dos publicanos, do povo pobre sem pastor, dos cegos, dos coxos, dos doentes, dos famintos, dos possesores, dos pagãos? Adianta usar o texto, quando falta este contexto? Adianta tocar a corda da palavra, quando falta a caixa de ressonância?

EVANGELIZAÇÃO E MUNDO RURAL

Frei Bernardino Leers, OFM

Palavras têm sua história, sobem e descem em sua significação e seu uso, são trocadas por outras que, assumindo a tradição, abrem uma nova perspectiva ou acentuam uma nuance diferente. De fato, **evangelização e mundo rural** colocam um problema que não é novo na história da salvação: Abraão, homem de fé, era camponês. Os evangelhos fornecem muitos dados sobre a vida rural em Israel. De outro lado, tanto a evolução pastoral pós-conciliar quanto a transformação atual do campo criam uma situação que não encontra sem mais nem menos um instrumentário adequado nas fórmulas tradicionais da pastoral rural. Anos atrás F. Boulard defendeu como verdadeiro remédio do subdesenvolvimento cristão na França, assegurar às zonas rurais uma evangelização viva, que desse a resposta cristã aos problemas humanos particulares de um mundo rural em evolução. Sua sugestão adaptada ao contexto brasileiro não perdeu ainda seu valor. Entretanto, este passo inicial e sua ligação à problemática da reforma agrária, por João XXIII assumida na doutrina social da Igreja, abrem um campo muito vasto de questões e experiências de renovação, empreendidas um pouco por toda parte no Brasil. Reduzindo “a” evangelização e “o” mundo rural às suas formas relativas de aqui e agora, apenas uns problemas serão levantados, que se apresentam à própria engrenagem destes dois termos na práxis pastoral (2).

1. Mundo rural

1.1 — Os muitos mundos rurais. A facilidade de falar de “o” mundo rural sugere certa uniformidade de características que de fato não corresponde à grande variedade de zonas rurais diferentes que há na imensidade territorial brasileira. Certamente inclui sempre certo arranjo de terras, campos, roças, matas e em redor do homem que de um ou de outro modo se apropria da natureza que o cerca. Mas as diferenças de vida humana campestre nas várias regiões e às vezes dentro de uma mesma região são óbvias. As condições geo-físicas, as estruturas da convivência social e familiar, o tipo de ocupação das terras, a organização do trabalho, o sistema econômico, o grau de mobilidade da população, a correlação com a cidade próxima, a qualidade de vida humana são critérios que se verificam de maneira disforme e até contrastante no mundo rural. Sem pensar em termos qualitativos de atraso e progresso, também os vários graus de modernização desde a penetração do rádio de pilha e doce enlatado até à escola com cozinha e merenda e a introdução de sindicatos, cooperativas e legislação trabalhista ajudam a criar uma imagem bem diferenciada do mundo rural que faz lembrar aquela loja de retalhos que faz propaganda nas cancelas e porteiras do Brasil campestre inteiro. Ademais, o povo rural apresenta de fato certa unidade estrutural, pois fala mais ou menos a mesma língua, pertence majoritariamente à mesma Igreja Católica e à mesma organização política administrativa. De outro lado, dificilmen-

te se pode falar de uma consciência coletiva ou de uma mentalidade unida que vive entre as várias populações e classes do campo. Na história não faltaram tentativas de criar tal consciência, especialmente na base de reivindicações e de auto-defesa, mas sua eficiência é difícil de controlar. Os sindicatos, associações de classe e centrais de cooperativas existentes parecem remediar pouco a retalhadura social política do povo campestre.

1.2. — Relação campo-cidade. Atrás desta diferenciação estática tão grande está o dinamismo diferenciado da dependência e da integração entre campo e os centros urbanos. Na perspectiva do processo histórico, campo e cidade não se deixam separar em duas circunscrições geográficas sociais isoladas, mas interdependem entre si de vários modos conforme a situação regional e o grau de desenvolvimento. Visto que este processo não começa por todos os lados na mesma época, nem se realiza no mesmo ritmo e com a mesma intensidade, a consequência é, que o mundo rural brasileiro mostra simultaneamente vários modelos que são fases sucessivas de um mesmo dinamismo de mudança. Num passado recente ainda se podia encontrar em Minas Gerais fazendas de pluricultura e economia de subsistência em que o grupo humano das famílias do fazendeiro e de seus agregados vivia praticamente dos produtos de seu trabalho. Comida, roupa, botas, arreios, móveis, materiais de construção eram produzidos na própria fazenda; sal e poucos outros

artigos eram trocados na cidade ou com o mascate que passava. Esta relativa independência econômica estava associada à dependência política, embora essa dependência não significasse muito mais que um número de votos garantidos para o amigo candidato do proprietário em tempos de eleições e um ou outro favor ou prejuízo. Esta situação que continua ainda em certas regiões mais isoladas está-se transformando rapidamente, se já não está transformada numa interdependência mútua do campo ou da cidade em que o papel da última é cada vez mais dominante como centro comercial, industrial, político e sócio-cultural, em redor de que a zona rural funciona como periferia, fornecedora de certas matérias-primas e mercado de consumo, geralmente "in spe" pelo reduzido poder aquisitivo da população campesina.

1.3 — Extensão rural da Igreja. Importa observar, que a Igreja também participou e continua participando desta evolução, pois sua força hierárquica se instalou e se concentra nas cidades. Sé episcopal e matriz, bispo e pároco se encontram nos centros urbanos, como igualmente os colégios, os hospitais mantidos por religiosos ou religiosas. Mesmo nas prelazias, a organização eclesiástica abrange principalmente as maiores aglomerações do povo. A zona rural é visitada, seja pelo clero local com determinados intervalos ou em festas marcadas, seja por equipes de missionários. As visitas costumam ser de pouca duração e o tempo é absorvido por trabalhos apressados: administrar os sacramentos, fazer uma

reunião, almoçar na casa do hospedeiro. Além disso, resta pouco tempo para um contato pessoal com o povo. O vigário de Jeremoabo só aparece de longe em longe; oficialmente, ali vai ter uma vez por ano, ou então quando é para tal convidado. A vida religiosa local se desenrola sem sua participação ou interferência, orientada pelos seus especialistas ali existentes: capelães leigos, rezadores, "beatos" que "tiram reza", organizam novenas e procissões, zelam pela igreja e pelo cemitério (3). Esta observação de Maria Isaura Pereira de Queirós não se limita à Santa Brígida, Bahia, mas caracteriza uma situação geral. O caráter óbvio ou lógico desta distribuição de forças pastorais faz com que na divisão de paróquias urbanas geralmente a zona rural seja subdividida como prolongamento dos limites traçados na cidade, ficando cada matriz também com uma parte do "Hinterland" anexo. Ultimamente a falta de agentes pastorais no mundo rural é recompensada pela formação de líderes rurais, ministros de culto e de eucaristia, que como os antigos rezadeiras e benzedores moram e vivem no ambiente, deixando porém de pé a dependência urbana em função de sua formação ministerial e dos limites de seus poderes pastorais.

1.4 — O êxodo do campo. O que complica mais o relacionamento do campo e da cidade é o êxodo rural. A migração rural e conseqüente mobilidade da população campesina não se reduzem ao fato da mudança para a grande cidade, pois há regiões de nova colonização de ter-

ras devolutas e movimentos migratórios causados pela seca ou pelas enchentes, mas o êxodo não deixa de ser de maior importância tanto quantitativa como qualitativamente. Pois a hipótese parece válida de que são os elementos mais ativos, inteligentes e de maior iniciativa que mudam para a cidade ao lado da mão-de-obra anônima e não qualificada que forçada pela falta de recursos e pelo desemprego ou expulsa pelos velhos ou novos donos de terras, refugia-se nas periferias das cidades. Em termos estatísticos, a população rural passou, num período relativamente curto e num ritmo bem rápido, da grande maioria do povo a uma minoria e não há indícios para supor que em breve este declínio chegue a parar ou diminuir em ritmo. Se por causa deste processo e suas transformações inerentes entra uma nova etapa nas relações entre o campo e a cidade como Paul Singer pensa, pode ficar uma interrogação no ar (4). O que importa explicitar é que na realidade cidade e campo estão interrelacionados e envolvidos como dois termos no mesmo processo social de modo que o postulado de uma pastoral rural ao lado de uma pastoral urbana supõe como base uma pastoral global que abrange tanto a cidade como a zona rural, interpretados como um só mundo humano total. Um outro ponto mais melancólico talvez para o agente pastoral é que a preparação de líderes rurais significa de fato sem querer uma escalada para a mudança à cidade. O que aliás vale para todo o melhoramento do ensino rural de primeiro grau, independente de sua inadaptação ao

meio-ambiente e ao seu estilo e ritmo de vida.

1.5 — Religião e vida no campo. Nos últimos anos, a religiosidade popular recebeu uma atenção e uma simpatia bem grande na reflexão pastoral. Talvez não seja só ouro que brilha aqui. De vez em quando surge a suspeita do saudosismo conservador que tende retomar o passado daquele tipo de catolicismo em que na terminologia de Pedro A. Ribeiro predomina a constelação devocional e protetora (5). Ou pode ser que os resultados pobres das expectativas tensas de renovação condicionadas pelo Concílio Vaticano II estejam desanimando os espíritos que voltam ao seu passado numa nova verificação do mito do eterno retorno. De qualquer maneira, a literatura sobre o assunto já é assaz ampla e diversificada e promete aumentar por causa do grupo de especialistas que está aprofundando o assunto no Instituto Nacional de Pastoral (6). A atenção concentrada nesta matéria, porém, não deve isolar a religiosidade rural do contexto global das unidades sócio-culturais que as diversas regiões rurais apresentam. O condicionamento do povo urbano neste respeito talvez seja diferente, mas no campo a religiosidade está interligada a todo um sistema de vida, de leitura interpretativa dos fatos, de atitudes sociais e valores. A cultura da sociedade moderna industrial parece estar pouco relacionada à configuração de sentido que constitui a realidade simbólica da tradicional religião eclesial, nem favorece à internalização deste sistema simbólico e a sua integração na vida social e pessoal (7).

No contexto brasileiro, este processo não parece levar tanto à radicalidade da problemática religiosa de Marx que considerou a religião a realização fantástica do ser humano alienado que ainda não alcançou sua verdadeira realidade e sua real felicidade (8). A tendência se dirige mais, salvo engano, para as várias formas de espiritismo, especialmente a Umbanda. Na zona rural não seria supérfluo de colocar o problema do ópio do povo, embora dificilmente nascesse tal colocação da alma do próprio povo. Surgiria talvez no fim de um longo caminho de reflexão sobre religião factual e vida no campo, sobre a relação entre a visão da natureza e a imagem de Deus, a vida sofrida e a organização tradicional da Semana Santa, o sistema de patronagem e a devoção aos santos, a familiaridade cordial na convivência social e na prática religiosa, o jeito onipresente e o sistema moral. Por este caminho, a influência eufuncional e disfuncional do catolicismo histórico na vida social do campo e vice-versa ficaria mais clara e ajudaria a topografia do terreno humano em que deve ser realizada a libertação legitimada pela teologia atual (9).

2. Problemas dos agentes da evangelização

No campo, a mãe, o rezador, o benzedor, o beato, com as visitas esporádicas dum padre, cuidaram tradicionalmente da transmissão religiosa, da participação das rezas e da continuação das festas e costumes. A socialização dos indivíduos no grupo social rural signifi-

cava quase automaticamente sua integração nas práticas do catolicismo. Tempos mais recentes criaram uma formação mais sistemática de catequistas, ministros de culto, líderes rurais, inspirada na renovação catequética e no "community-development", estilo norte-americano, apoiada pela reflexão teológica sobre os ministérios da Igreja, contra o fundo da ineficiência crescente dos canais tradicionais de transmissão e falta de padres.

2.1 — A extensão do braço clerical. Culto dominical, comunidade eclesial de base, ministros de culto (9) são assuntos populares na pastoral rural atual e na práxis estão acumulando muita energia e colhendo muito fruto. O hinduísmo conhece suas vacas sagradas; a pastoral católica secularmente experimentada não as tem ou ao menos não as devia ter, porque sabe que toda luz traz a sua sombra. De fato, a liderança religiosa não-sacerdotal que se está criando em muitas regiões rurais tem algo dum sinal de contradição com repercussão negativa na eficiência da evangelização do povo campestre (11). Quando a renovação pastoral na França criou já antes do Concílio a palavra "pastoral d'ensemble", pastoral de conjunto a idéia era juntar todas as forças vivas também do laicato para guardar ou encontrar o contato com os homens onde quer que se joga seu destino, pois a evangelização não podia ficar um trabalho do clero, embora historicamente a iniciativa tivesse saído dum grupo de padres. Ação católica rural, juventude agrária católica, mo-

vimento familiar rural formam a consequência desta orientação (12).

A práxis da pastoral rural no Brasil, entretanto, parece concentrar-se principalmente na formação de líderes de culto e ministros de eucaristia. Pouco importa, se nestas categorias entram leigos, homens ou mulheres, casados ou solteiros, ou religiosos, religiosas que fazem às vezes do vigário, sem selo. Esta política eclesial mostra de um lado a clara consciência da falta de ministros da palavra e da mesa para atender às necessidades normais do povo de Deus, do outro lado fica camuflando a negação ou incapacidade de enfrentar e resolver o verdadeiro problema e atender satisfatoriamente às justas aspirações do povo católico. Este precisa celebrar a memória do Senhor, que lhe foi dada, mas é apenas servido com a comunhão sem celebração eucarística. A velha separação entre missa e comunhão voltou tranquilamente de roupa nova. O resto é culto que lembra a sinagoga antes de Cristo ou imita a estrutura e a fórmula da missa romana, deixando fora apenas a consagração.

Sob esta tática pastoral foi construída uma boa base teológica dos ministérios. Mas a pergunta se faz, até que ponto tal reflexão ajuda a legitimar uma situação, cuja sombra é que de um lado clericaliza os leigos, socializando-os dentro da estrutura clerical da Igreja pré-conciliar e do outro lado deixa no ar a formação de leigos cristãos, que autônoma e responsavelmente agem no campo econômico, social e político. A experiência da JAC pode ter entrado na neblina, seja qual for a

interpretação que historiadores dão desta tragédia (13). Algo de movimento familiar no campo ainda não tem criado raízes, tampouco a formação de leigos católicos maduros que não sejam incluídos no rol de ministros de culto ou pregadores de missões nem dêem a impressão aos seus colegas de serem teleguiados pelo clero.

Talvez a evolução das comunidades eclesiais de base na zona rural, apoiada tanto no tipo de convivência comunitária que se encontra naturalmente nas pequenas aldeias e povoados, quanto na onda contagiosa do progressismo que penetra por todos os cantos do campo, abra novas perspectivas para a renovação da Igreja em termos de participação madura. A força dos vários movimentos messiânicos rústicos que o Brasil conhecia (14) e a teimosia popular de sobreviver no sofrimento e no sacrifício são indicações duma mina de energia religiosa mística, até agora pouco explorada na alma do povo rural. O medo, porém, é que se repita uma experiência negativa do trabalho de desenvolvimento da comunidade. Depois dos primeiros melhoramentos locais, começa-se a perceber que os centros de decisão estão fora do alcance do grupo e este desanima e estagna no seu crescimento integrador pela "má" vontade, imobilidade ou insensibilidade da liderança superior que continua a pensar e agir conforme suas próprias estruturas mentais. A observação do encontro de Vitória é curiosa: "Parece que na base a coisa já amadureceu. Agora depende do centro de Roma" (15). Mas Roma, às vezes,

não vai além da próxima sede episcopal ou matriz paroquial.

2.2 — A cooperativa de percepção e de ação. Desde a teologia do Corpo Místico de Sebastião Tromp e do papa Pio XII, a fundamentação teológica para cooperação, colaboração, pastoral de conjunto ou orgânica está mais ou menos feita. Na prática, a história é menos simples, não somente por causa da diferença de classes e as divisões e inimizades que se manifestam no campo, mas também por causa da diversidade de idéias e atitudes que sob o manto da aparente uniformidade vive entre o povo rural e dificulta tanto a formação e atuação dos agentes e líderes, como a união da comunidade. Uma aproximação psico-sociológica completa aqui a reflexão pastoral por esclarecer a relatividade das interpretações e favorecer o entendimento mútuo, condição para decidir e agir em comum.

Folheando uma história da arte, as impressões mais diversas do mundo rural se apresentam nas cores dos quadros e no preto-branco dos desenhos. Pieter Breughel escolheu outros assuntos e outros cantos da vida rural do que os renascentistas da Itália ou Rembrandt em suas gravuras a água forte. A família rural que Vicente Gogh colocou em redor duma mesa, comendo batatas, as faces duras e as mãos duras de gente sofrida e castigada pela vida, comunica uma outra visão do que o romantismo do casal que no campo ao pôr do sol reza o "Angelus", ou o fanatismo duma turma de camponeses revoltados

que se defende com suas ferramentas contra fidalgos a cavalo. Cada pintor mostra sua opção, compõe na tela ou no papel sua escolha e eterniza seu segmento da realidade e sua interpretação significativa do mundo comum rural. O que vale dos pintores, vale igualmente dos poetas, dos romancistas, da Pastoral de Beethoven e das Rapsódias húngaras de Liszt. Vale também de qualquer um que quer evangelizar o mundo campesino.

Seja qual for o sentido que se dá à objetividade do campo de percepção, a subjetividade das pessoas que aqui e agora querem levar o evangelho ao povo rural tem um papel diferenciador no modo de ver e interpretar as coisas. A interpretação de cada um dos agentes é condicionada pela sua intencionalidade, sua história, suas experiências feitas, sua memória, enquanto continua presente e influencia o pensamento e a ação. Quem está predisposto pela sua educação às atividades devotas e aprendeu a observar na realidade as categorias religiosas da existência, enxerga com maior facilidade os santos na parede e as mãos postas de Dona Chiquinha puxando o terço da novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, do que o conteúdo das panelas no fogão à lenha ou a roupa gasta e mal emendada dos presentes. Um fiscal do Banco do Brasil observa a realidade rural por outro filtro e com outros "blind spots", manchas brancas, do que o agrônomo dum instituto de assistência ou uma irmã de caridade; uma senhora formada em puericultura repara outros aspectos da totalidade rural do que

um missionário que pregou o tríduo da festa do Santo Padroeiro. Cada um leva sua parcela do quadro global e encobre-a com seu ponto de vista e a cor de seu entendimento.

Esta seletividade não vale somente para o observador que vem de fora e penetra pela primeira vez na novidade do mundo rural; verifica-se igualmente entre os próprios camponeses. A conversa dos vários sub-grupos, comadres, homens, fazendeiros, diaristas, dona de casa com empregada, mostra diferenças de conteúdo em função do modo diferente de estar colocado cada um no mundo. Os assuntos e a maneira de tratá-los, os problemas e o "jeito" de encará-los são variáveis, porque as posições ocupadas e os campos de interesse são diversos e com isso a estrutura do mundo vivido, como conjunto pessoal de significações. A seletividade, porém, da percepção das coisas, pessoas e situações é condicionada, mais do que história individual de cada pessoa, pelo grupo social, pelo sexo em sua forma cultural e pela posição ocupada na estratificação do grupo. Na terminologia de Georges Gurvitch, o determinismo social neste respeito é uma presença contínua embora as possibilidades da liberdade humana sejam consideráveis (16). A simplicidade relativa da estruturação da vida rural não faz esperar grande variedade de constelações de idéias e atitudes, de sistemas de valores ou de estilos de vida, mas daí para uma suposta uniformidade o passo é longo demais. De fato, dentro dum mesmo grupo de convivência camponesa há diferenças de percepção de coisas e de apreciação,

também no campo religioso, na frequência de práticas, no interesse ou indiferentismo, no modo de ligar ou não ligar aos institutos eclesiais e seu representante, o padre, na maneira de reagir das renovações litúrgicas e pastorais.

O processo da evangelização supõe da parte do agente uma abertura contínua e vontade permanente de escuta para com o povo e para com os vários agentes de mudança que operam em outras áreas do campesino. Além da curiosidade despertada na primeira hora, esta atitude exige uma elasticidade juvenil de corrigir, completar, remodelar e talvez revolucionar suas impressões originais e de rever suas idéias e programas em função do papel de aluno que o evangelizador também tem diante do povo ao qual está servindo. Mais importante, porém, é sua tarefa estimuladora e comunicativa no processo da formação duma opinião pública ou consciência coletiva da comunidade em relação à problemática global da vida campesina em transformação e às atitudes a serem tomadas à luz do evangelho. Sem a base duma opinião comum entre o povo, a ação fica o esforço dum só homem ou dum só grupinho de boa vontade, enquanto o rebanho continua no estilo antigo de dizer: amém, amém. A participação ativa nos empreendimentos sociais implica um despertar comunitário de motivação popular, não tanto para garantir a realização das obras planejadas, mas muito mais para o "João Ninguém coitado" ganhar a nova auto-consciência de ser "gente", tanto no religioso como no pro-

fano capaz de tomar seu destino em suas próprias mãos. Tal evolução contribuirá de sua maneira a desarticular a polarização do clero-povo, que marca ainda profundamente a vida eclesiástica campesina (17).

3. Evangelização e linguagem

Na abertura do Concílio, o Papa João XXIII fez uma distinção entre a substância da antiga doutrina do "depositum fidei" e a formulação que a reveste, esperando tanto a fidelidade à doutrina autêntica, quanto a adaptação às novas condições de vida do mundo moderno (18). Sem entrar na questão de seu mérito, esta distinção serve para organizar a reflexão sobre a linguagem.

3.1 — Adaptação da linguagem. Em primeiro lugar, a comunicação evangelizadora precisa usar uma linguagem acessível ao tipo cultural do camponês, geralmente povo simples, de pouca escolaridade, embora o rádio esteja introduzido novidades com bastante rapidez. Condição pela sua formação intelectualizada e teológica, o agente usa facilmente palavras que não pertencem ao vocabulário dos ouvintes, ou complica as frases, disturbando a eficiência do contato. A ideologia do homem cordial apresenta o povo rural mais em sua afetividade sensível do que em sua racionalidade calculadora, enquanto o sistema cognitivo da Igreja acentua mais as formas racionais, conceituais e coletivas do saber do que as formas místicas, simbólicas e vivenciais (19). No espaço vital do campo cabem mais as parábolas, as histó-

rias concretas, os "fervorinhos" do que os raciocínios complicados dos manuais "conceituados"; a leitura dos sinóticos repercute melhor de que a secura abstrata dum catecismo de perguntas e respostas, pois para o homem simples viver vale mais do que saber decorado (20). De resto, precariedade da comunicação verbal não incomoda muito ao povo comum e pobre; com seu complexo de ignorante e atrasado, está acostumado a não entender a fala macia do senhor Doutor. Doutro lado, a bondade de coração, a paciência, o ser trabalhador que sua sensatez discerne no agente evangelizador, encobre muito erro de português, apesar dos pesares.

De fato, o problema não é de gramática e sintaxe, nem questão de vocabulário ou de exemplos tomados da vida vivida dos ouvintes, mas de linguagem socializada que forma e exprime a experiência da fé do próprio evangelizador e pela qual ele se comunica com o público e se correlaciona num intercâmbio pessoal à esfera própria da vida religiosa humana em que o povo rural existe, se move e vive (21). Esta esfera não se revela pelo fato do evangelizador observar de fora os ritos e gestos religiosos ou colecionar as expressões religiosas do povo campesino, mas se abre pela comunicação da parte do próprio povo, que o agente assume e faz crescer. Enquanto o próprio camponês não abrir a boca e falar de sua vida, sua interpretação da história de cada dia, suas experiências humanas, seus sentimentos e visões religiosas, será difícil evitar a manipulação e criar uma linguagem que

corresponda à vivência da fé do povo do campo, que lhe ressoe no coração e estimule-o a vencer os obstáculos que o medo, o desânimo, o fatalismo, o sofrimento, a morte interpõem à realização da bondade alegre da Boa Nova na vida prática pessoal e social.

Há uma necessidade compreensível do evangelizador de organizar suas idéias religiosas num sistema lógico ou visão global que coloca todos os elementos da ortodoxia na devida ordem numa fórmula, dum símbolo, dum catecismo. Sua formação costuma intencionar este tipo de socialização na doutrina católica. Mas para ser transmissão verdadeira e eficiente pela vida e pela palavra, a evangelização supõe o interrelacionamento vivo entre emissor e receptor, pregador e ouvinte. Neste jogo da comunicação, o público entra como fator ativo, não pela sua simpatia e fome dum palavra renovadora da vida, ou pela sua resistência e instinto de defesa, mas também enquanto já é terra experimentada que tem produzido e está produzindo trigo e joio pela sua vivência religiosa individual e comunitária de hoje. Assim, o diálogo, a conversa, a parábola, o atendimento contínuo às perguntas que o povo faz, tem um papel indispensável no processo da evangelização, não apenas pelo motivo pragmático do desnivelamento cultural que muitas vezes há entre evangelizador e povo; igualmente ou mais por causa da edificação mútua, no sentido paulino, entre as duas partes participantes da convivência, dentro do sistema de dar e aprender de um lado e de receber e ensinar doutro lado.

Por esta troca de experiências e na comunhão da fé vivida, evita-se o paternalismo do rico dar esmola de teoria ao pobre coitado, ignorante de pai e mãe, e volta para o lado do agente pastoral a tarefa de cultivar sua sensibilidade para com o povo campestre e compreender sua religiosidade no contexto global de seu mundo vivido.

3.2 — O problema fundamental.
Nesta perspectiva, enquanto é possível distinguir entre forma e conteúdo da mensagem, surge para o evangelizador atual o problema mais crucial: qual é o evangelho que vou pregar? Qual é a mensagem que vou comunicar ao povo rural? Quais são as atitudes que tomo diante da realidade da vida campestre, em função de qual interpretação adaptada? As cartilhas antigas da doutrina cristã ou o livro "Missão Abreviada", tantas vezes reimpressos no passado e espalhados em muitos lugares do Brasil rural, já tiveram seu tempo e deram seus frutos na conservação da fé no interior e na manutenção da ordem existente. Os problemas sociais, políticos e religiosos hoje em dia mudaram e a própria Igreja não celebrou o Concílio Vaticano II para enriquecer os arquivos do Vaticano com letras mortas.

A palavra "mudança" foi integrada no vocabulário da Igreja e ligada à iniciativa e responsabilidade humanas mais do que ao acaso e ao acidente. O gênero humano encontra-se hoje em dia em fase nova de sua história, na qual nas mudanças profundas e rápidas estendem-se progressivamente ao univer-

so inteiro. Elas são provocadas pela inteligência do homem, seus juízos, seus desejos individuais e coletivos, seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como em relação aos homens. Já podemos falar duma verdadeira transformação social e cultural, que repercute na própria vida religiosa (22). Com exceção talvez de algumas regiões que parecem ainda "um fim do mundo", a zona rural está incluída neste processo de mudança, não só pela modernização técnica e como mercado de consumo, mas também em suas estruturas familiares, seus relacionamentos sociais e seu sistema tradicional de valores. Se a aplicação do termo "secularização" às mudanças da práxis religiosa campestre se justifica (23), pode ser discutível, mas também aqui há novidades que se apresentam e se confirmam, como são o culto dominical, as comunidades eclesiais de base, curso de batismo e assim por diante. Além disso, onde Paulo VI reclama a necessidade de transformações audaciosas, profundamente renovadoras e urgentes, no campo sócio-político (24), é de esperar igualmente repercussão ainda maior na vida religiosa do povo. Entretanto, visto que a fé cristã é uma força viva, capaz de criar novidades, e não se limita a sofrer apenas repercussões passivas e adaptações diplomáticas, sua própria vivência comunitária e pessoal há de levar a nova forma e expressões religiosas, funcionando como um novo fermento na massa.

Além deste processo global de mudança, há também o fato de que a religiosidade popular também do

campo, tornou-se uma prioridade pastoral. Max Weber observou uma vez, que a glorificação religiosa do camponês e a crença no valor especial de sua piedade é resultado de um desenvolvimento muito moderno, pois na Idade Média, o camponês era tratado como um cristão de baixo nível e ignorante. O reverso ocorreu somente quando do advento de uma ordem social neotécnica, na qual o camponês, relegado a uma posição secundária e agarrando-se a sua religião ancestral como uma defesa contra o salto de uma transformação, era visto como um crente fiel em contraste com as massas secularizadas da sociedade industrial (25). Esta constatação de Eric Wolf talvez não seja aplicável sem mais nem menos à situação brasileira, mas serve para pleitear um espírito crítico a desenvolver entre o povo rural para com sua própria fenomenologia religiosa. O espírito crítico mais agudo, diz o Concílio Vaticano II, purifica a religião de uma concepção mágica do mundo e de superstições ainda espalhadas e exige uma adesão à fé cada vez mais pessoal e operosa (26). Neste processo evolutivo de amadurecimento que com o batismo começou, continua a valer a liberdade do Espírito que "sopra onde quer" (27), mas também o discernimento dos espíritos na comunidade dos cristãos.

Neste contexto atual volta o problema do conteúdo concreto da mensagem evangélica. Qual é a imagem do céu e qual é a imagem da terra que os agentes têm de transmitir? Que visão sobre a Igreja, sacramentos, santos, a pessoa de Je-

sus Cristo, juízo final, ressurreição dos mortos deve ser apresentada ao povo campesino para esse viver crescendo no Evangelho encarnado nesta terra? Que mensagem há para a construção do mundo humano, a organização econômica e política, além da crítica às situações óbvias de pecado? O povo rural talvez não enxergue bem a extensão estrutural histórica de seus problemas, mas sente-os na carne melhor do que o analista em sua sala de ar-condicionado. As perguntas são diretas: Pílula pode? O sujeito me expulsou de meu barracão, de minha roça, isso é justo? As respostas no fundo nunca podem ser uma explanação teórica sobre a doutrina da Igreja, mas implicam uma opção coletiva na práxis (28), senão o cristão está obrigado a andar mancando com duas imagens da Igreja ou duas interpretações da situação subdesenvolvida do campo. A organização duma comunidade eclesial depende do modelo da Igreja que se tem em mente. O programa de ação social sai diferente, se a zona rural é considerada apenas um bolsão de pobreza, cinturão de atraso ou a consequência duma política econômica urbana.

Paul Ricoeur que pleiteia esta opção coletiva na sociedade humana em formação e diante dela, acrescenta: com efeito, os eclesiásticos que podemos ser têm de tomar consciência, com muita modéstia, de sua pouca preparação para afrontar esses problemas e essas noções (29). O reconhecimento da competência dos leigos, do Estado, é mais fácil no papel do que na práxis. Nos primeiros séculos de sua formação his-

tórica, o Brasil vivia sob o signo da providência. Não eram propriamente os homens que agiam, era a divina providência que atuava neles (30). Mas esta situação mudou muito. Atualmente, na análise crítica da situação, na programação e realização do desenvolvimento humano, os homens são os que agem e tomam suas providências. Como "Gaudium et Spes" mostra apesar de si mesmo, a Igreja continua a se dirigir ao Estado em nível estrutural. São dois institutos que se encontram numa conversa unilateral (31). A linguagem do Estado, dos cientistas e políticos tornou-se tão intra-mundana que nem referência faz à Igreja Católica ou à interpretação religiosa do mundo. O encontro das duas linguagens, eclesiástica e profana, realiza-se no nível das pessoas e suas competências humanas e profissionais e até dentro da mesma pessoa. O processo da evangelização volta de novo ao ponto nevrálgico: a voz ativa dos leigos nas opções e ações do povo de Deus neste mundo rural a humanizar. Na ondulação pastoral, o movimento carismático está compensando a baixa cotação da promoção humana que como instituto próprio da Igreja está desiludindo e progressivamente é assumida por outras instituições públicas. Doutro lado, este movimento talvez forneça a nova mística que desde a marginalização da Ação Católica Rural faz falta no processo da evangelização da humanidade rural.

4. Um elogio utópico

No contexto do serviço social, Milikowski escreveu recentemente um livro cujo título é uma tese: O

elogio da inadaptação (32). Contra a ideologia tão conhecida da psicologia e psico-sociologia que aceita o "status quo" existente como norma intocável e padrão natural e dá ao indivíduo apenas a tarefa de obedecer, integrar-se no esquema global pré-fabricado e ficar na linha, o autor defende a crítica, a mudança, a contínua renovação humanizante da ordem estabelecida. Não consta se na escolha do título o autor se deixou inspirar pelo livro de

Erasmus: "O elogio da loucura", mas com uma lembrança ao texto de São Paulo: "A linguagem da cruz é loucura (33) e sem repetir o estilo satírico do famoso humanista, talvez haja aqui um lema para a criação duma evangelização rural que vai além das iniciativas particulares e trabalhos regionais. O evangelho mesmo não é o elogio da inadaptação, sem consideração de pessoas e de suas estruturas de poder (34)?

NOTAS

1. BOULARD, F. **Problèmes missionnaires de la France rurale**, Paris, 1945, II, 258.

2. **A Evangelização do mundo contemporâneo**, SEDOC, 6 (1974) 797-808; 7(1974) 197-228; 555-580; 687-740.

3. QUEIROZ, MARIA ISAURA PEREIRA DE, **O campesinato brasileiro**, Petrópolis, 1973, 117.

4. SINGER, PAUL ISRAEL, **A cidade e o campo**, CEBRAP, caderno 7, São Paulo, 1972, 27.

5. OLIVEIRA, PEDRO A. RIBEIRO DE, **Religiosidade popular na América Latina**, REB, 32 (1972) 354-364.

6. **Religiosidade popular e evangelização**, Atualização, 3 (1972) 475-488; 595-607, com notas bibliográficas, etc.

7. LUCKMANN, T., **The decline of church-oriented religion**, em Roland Robertson, *Sociology of religion*, Harmondsworth, 1969, 150.

8. MARX, KARL, **Critique de la philosophie du droit de Hegel**, em Karl Marx e Friedrich Engels, *Sur la religion*, Paris, 1960, 41-42.

9. SCHNEIDER, LOUIS, ed., **Religion, culture and society**, New York, 1964, 53 ss.

10. **A estrutura do culto dominical na zona rural**, Revista da CRB, 9 (1963) 521-534; GREGORY, AFONSO, **Comunidades de base**, Petrópolis, 1973; **Comunidades eclesiais de base**, SEDOC, 7 (1975) 1057-1216; *Concilium*, 11(1975) n.º 4, etc.; COMBLIN, JOSÉ, **Futuro dos ministérios na Igreja Latino-americana**, Petrópolis, 1969, etc.

11. MEDINA, C. A. DE, e OLIVEIRA, PEDRO A. RIBEIRO DE, **Autoridade e participação**, Petrópolis, 1973.

12. TOULAT, PIERRE, ANGE BOUGEARD, JOSEPH TEMPLIER, **Les chrétiens dans le monde rural**, Paris, 1962, 374.

13. Compare Charles Antoine: **L'Eglise et le pouvoir au Brésil**, Paris, 1971; Ulysses Alessio Floridi: **O radicalismo católico brasileiro**, São Paulo, 1973; Th. Bruneau, **O catolicismo brasileiro em época de transição**, São Paulo, 1974.

14. QUEIROZ, MARIA ISAURA PEREIRA DE, **O messianismo no Brasil e no mundo**, São Paulo, 1965; em forma de romance: SUASSUNA, ARIANO, **A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**, Rio de Janeiro, 1972.

15. SEDOC, 7 (1975) 1211.

16. GURVITCH, GEORGES, **Déterminismes sociaux et liberté**, Paris, 1963.

17. DULONG, RENAUD, **Une Église cassée**, Paris, 1971, 164.

18. KLOPPENBURG, BOAVENTURA, **Concílio Vaticano II**, volume II, Petrópolis, 1963, 309-310.

19. GURVITCH, GEORGES, **Les cadres sociaux de la connaissance**, Paris, 1966, 86. 86.

20. Religiosidade rural, Petrópolis, 1967.

21. VAZ, HENRIQUE C. DE LIMA, **Fé e linguagem**, em Credo para amanhã, volume II, Petrópolis, 1971, 15-50; LIBÂNIO, J. B., **Fé e linguagem**, Convergência, 5(1972) n.º 51 e 52. Tentativas práticas nos cadernos da catequese rural de Divinópolis, MG: **Cristãos no meio rural**, Petrópolis, ed. 2, 1973.

22. Gaudium et Spes, 4.

23. Mudanças e secularização na Minas Rural, Atualização, 1970, n.º 12.

24. Populorum Progressio, 32.

25. WOLF, ERIC R., **Sociedades camponesas**, Rio de Janeiro, 1970, 141; dele também é a citação de Max Weber.

26. Gaudium et Spes, 7.

27. Jo 3, 8.

28. RICOEUR, P., **Prospecção do mundo e perspectiva cristã**, em A Igreja do futuro, Petrópolis, 1973, 125-143.

29. Idem, ibidem, nota n.º 28, 126.

30. HOORNAERST, EDUARDO, **Formação do catolicismo brasileiro**, Petrópolis, 1974, 107.

31. Veja G. S., especialmente parte I, capítulo IV.

32. MILIKOWSKI, H. PH., **Lot der onangepastheid**, Meppel, ed. 8, 1973.

33. 1 Cor 1, 18.

34. Tiago 2, 1-14.

Introdução

“De tempos a tempos tu reunirás um povo ao redor de ti, de tal maneira que, de leste a oeste, se faça uma oferta perfeita para a glória de teu nome.” Esta breve frase tirada da liturgia eucarística resume toda a história da salvação. No meio deste povo que vem do leste e do oeste, há muitas mulheres? Que lugar ocupam elas, que lugar ocupamos nós, no desígnio de Deus, dentro do Povo da Aliança? Dentro da obra salvífica de Deus que consiste em reunir juntamente, há um ministério específico para a mulher? De tempos a tempos, houve sempre mulheres no meio do Povo da Aliança com Deus. Seu status, suas funções, o comportamento que se esperava delas, o modo como se identificaram e foram ou não consideradas pelos homens, tudo se modificou profundamente. Por que? O que Deus quer de nós mulheres, o que Deus quer que façamos como mulheres, neste momento da história da salvação? Para nós Adoradoras do Sangue de Cristo, cujo carisma é profundamente radicado no mistério pascal, há algum significado especial nisto que as mulheres estavam intimamente associadas, ativamente associadas com Jesus, no que diz respeito a este mistério? Se visse hoje sobre a terra Maria de Mathias, que resposta daria ao esforço contemporâneo para promover o avanço da mulher na sociedade, no qual, como disse o Papa recentemente, “a Igreja reconhece um dos sinais dos tempos e uma inspi-

A MULHER NA HISTÓRIA DA SALVAÇÃO HOJE

Irmã Angelita Myerscough

Leia ainda
desta mesma autora,
em **CONVERGÊNCIA**,
outubro de 1975,
página 496:

**“AS MULHERES
NA VIDA DE JESUS”.**

ração do Espírito"? (Paulo VI: **A contribuição da mulher para o progresso da sociedade**, L'Osservatore Romano, 7 de novembro de 1974, página 1).

Noções gerais sobre a questão da mulher

Farei uma série de afirmações para configurar o mais sucintamente possível alguns dos pontos que servem para elucidar rapidamente nossas considerações finais. Com estas afirmações estaremos refletindo sobre o fato: onde estaremos nós na história da salvação, se o movimento da promoção da mulher é um elemento na obra salvífica de Deus e que se desenvolve claramente em nossos dias?

1. A questão da mulher na Igreja e na sociedade é sobretudo uma questão humana. Esta questão afeta a ambos: homem e mulher. Pode-se falar muito acertadamente de cooperação do homem e da mulher na história da salvação ou então de sua participação. A obra salvífica de Deus é reunir em si, não homens e mulheres, mas um povo. A maior parte ou aproximadamente tudo o que se pode identificar como papel da mulher na história da salvação é exatamente a mesma coisa que o homem identifica como sendo seu papel próprio e específico. Os abundantes dons de Deus, o benévolo chamamento de Deus para fazermos uma só coisa com ele, são exatamente os mesmos dons e o mesmo convite, para todos os seus filhos. Todos somos igualmente assinalados por Deus com a dignidade humana e dotados de liberdade. "Não

há judeu nem grego, insiste o apóstolo Paulo, não há escravo nem liberto, homem ou mulher. Todos somos um em Cristo", Gál 3,28.

O significado teológico de gênero. A relação homem-mulher, parece ser um paradigma da interrelação humana, que é uma dimensão integral daquilo que significa ser humano e no qual as pessoas humanas refletem o próprio ser criado à imagem e semelhança do nosso grande Deus, que na sua mais profunda realidade é interrelação. Deus é amor trinitário. Homem e mulher são iguais na dignidade humana e no destino, assim criados por Deus. Igualdade não significa identidade.

Jamais dois seres humanos foram iguais. Sendo potencialmente homem ou mulher, pai ou mãe, marido ou esposa, são obviamente complementares. De tanto em tanto se ouve falar de recepividade, passividade, ternura, sensibilidade como sendo qualidades femininas; e agressividade, força, independência como qualidades masculinas. Assim pensou e escreveu, por exemplo, Karl Jung. Toda pessoa humana, porém, como pessoa humana, deve possuir todas as qualidades. Para ser uma pessoa realmente completa precisamos ter uma combinação destas qualidades. Na medida em que faltar alguma e nesta mesma proporção e medida, estaremos sendo pessoas humanas menos completas, embora uma ou outra qualidade possa e deva predominar.

2. A segunda coisa que gostaria de sublinhar é uma definição muito simples de mulher. Mulher é uma pessoa humana adulta que foi criada

por Deus feminina. Não é um símbolo, nem um eterno feminino, nem um ideal. Já houve muitas tentativas para se deslindar o assim chamado **eterno mistério da mulher** partindo e enfrentando o assunto deste ângulo. Penso que não é acertado nem traz benefícios verdadeiros partir deste ponto de vista. Nossa experiência pessoal ensina que somos um povo real. Não somos símbolos. A maioria das mulheres tem a capacidade para a maternidade. É dom exclusivo de Deus, destinado só a elas, um dom que, em recordando nossas mães, desperta em nossos corações profundíssima gratidão. A maioria das mulheres tornam-se mães. A maioria são esposas. Ser mulher, entretanto, não é exatamente ser mãe. Nem toda mulher precisa tentar descobrir na sua vida o seu valor, sob alguma forma de maternidade para considerar sua vida, uma vida realmente de mulher, vida preciosa, como realmente precisa ser.

Não há nenhum papel ideal que possa especificamente ser definido só de mulher. Não existe conjunto algum de atitudes e de comportamentos que constitua o ser mulher. Para nossa inspiração, Deus suscitou muitas mulheres cristãs, belas e santas, que nos podem aparecer como ideais. Agradecemos a Deus. Tais mulheres podem ser do passado, como as grandes figuras femininas do Antigo Testamento e são também nossas contemporâneas de nossas comunidades locais. Sobre tudo agradecemos a Deus pela maior de todas as mulheres, a mais bendita entre todas as mulheres. A maior de todo o gênero humano. E

no entanto, também esta era e é uma mulher real, não um símbolo ou uma medalha, mas uma mulher cujo corpo, coração, inteligência estão hoje glorificados para sempre na alegria da face do Senhor. A realidade de Maria me torna cada dia mais agradecida ao Senhor por me ter feito mulher. Deste fato estamos tendo melhor consciência, enquanto examinamos o problema da mulher na história de ontem, de hoje, na história do futuro. É muito importante ter isto em mente quando buscamos a mensagem do Senhor na palavra exarada nas Escrituras Sagradas.

3. Em terceiro lugar gostaria de afirmar que a questão da **libertação da mulher** é principalmente uma questão de **libertação humana**. A luta da mulher é sentida com nitidez quando é focalizada na perspectiva imensa da luta humana pela libertação da opressão. O desejo da mulher de libertação está solidariamente unido ao desejo de todos que gemem pela liberdade. As mulheres são, em todo o mundo, mais da metade das pessoas que passam fome, que são economicamente deprimidas, que são privadas do completo desenvolvimento em razão da influência, do controle, do domínio de terceiros. Toda liberdade verdadeiramente humana deve ser libertação do pecado, do egoísmo, de seus efeitos. Toda libertação redentora é desenvolvimento do amor salvífico de Deus, é libertação pelo amor, pelo amor para com os outros, para com Deus. Jamais será simplesmente uma libertação da opressão de tal maneira que os oprimidos de hoje sejam os opressores de amanhã.

Fundamentalmente a questão da mulher é uma **questão de justiça**. A discriminação contra a mulher é injusta. Creio que é a mais profunda, abrangente e danosa injustiça que existe nesta terra de pecado. É maciça a discriminação contra o gênero feminino, tão grande que nem nós próprias mulheres dificilmente a reconhecemos. Tanto é verdade que hoje se ensina que mudanças de maior alcance na sociedade humana vão depender mais da libertação da mulher do que da libertação de qualquer outro grupo oprimido. Talvez seja a razão pela qual muita gente teme esta libertação. Se esta idéia for verdadeira, seja embora pela metade, ela nos instigará a rezar e a lutar, com um sentido de missão para que as mudanças sejam benéficas e centradas na obra salvífica do Senhor Jesus.

4. Quase sempre quando o assunto é mulher, fatores sociais freqüentemente obscuros, confusos, indelimitados, se misturam com fatores religiosos. Muitas atitudes que poderiam parecer religiosas são condicionamentos sociais e não verdades religiosas. As mudanças que se pedem para a mulher, quando focalizadas dentro de uma religião, mesmo o cristianismo, são mudanças de ordem social que em nada afetam a fidelidade à revelação divina. É tanto verdade ontem como hoje. A educação em geral, a expectativa da sociedade, a educação familiar, os costumes, a literatura, as leis, os sistemas políticos, as tradições, tudo tem um peso muito importante sobre aquilo que idealizamos como estado apropriado, papel correto,

identidade própria do homem e da mulher. Mas isto, evidentemente, não é nem bom nem mau.

5. Há muita confusão sobre as metas do movimento de libertação da mulher. Por isso gostaria de enumerar algumas coisas que, negativamente, considero como não sendo verdadeira promoção da mulher. Libertar a mulher não significa ser hostil ao homem, não significa que a mulher domine o homem como o homem dominou a mulher, embora o desamor de muita mulher pela compreensão da discriminação possa levá-la à tentação da hostilidade. Mas sei que tais sentimentos, mesmo genuínos e naturais, precisam ser dirigidos para um positivo desenvolvimento da mulher. É falsa esta direção: voltar-se contra o homem como se ele fosse um inimigo. Talvez nós mulheres sejamos quem mais faz discriminação contra a mulher.

O movimento da mulher, como verdadeira promoção, não significa exaltar a mulher; não significa exaltar a mulher de carreira, de tal maneira que a mulher mãe, esposa, dedicada à família não seja devidamente estimada. Nem significa também exaltar de tal maneira estes papéis domésticos, como se fez no passado, a ponto de negar à mulher a oportunidade de dar sua contribuição própria ao bem do mundo e da Igreja se são atraídas para estas carreiras. A promoção da mulher não significa eliminar as manifestações de cortesia comuns entre homens e mulheres. Não significa que as mulheres devam tornar-se masculinas. Não significa teórica e pra-

ticamente negar as diferenças entre homem e mulher. Não significa identidade, ser a mesma coisa. É necessário ter isto bem em mente e com segurança. É um risco insistir tão fortemente na igualdade que se chega a ser uma coisa só, ou sublinhar tanto a diferença que sejam opostos.

Nem a real promoção da mulher exige a adoção do aborto, embora seja em alguns países infelizmente verdade, como no meu. Muitos líderes do movimento da mulher influenciaram a opinião pública e os pronunciamentos dos tribunais nesta direção. Se digo isto e o digo com angústia e senso de arrependimento, porque me pergunto se eu e muitas outras mulheres cristãs, por minha e por nossa omissão em ajudar de maneira positiva a verdadeira promoção da mulher não permitimos que a liderança fosse assumida por aquelas que têm princípios morais diferentes dos nossos. A verdadeira promoção da mulher não significa que todas as mulheres devam trabalhar fora de casa e da família nem que as mulheres devam sempre e em todas as circunstâncias fazer os mesmos trabalhos que fazem os homens.

Pensei que fosse útil a referência a estes pontos porque a imprensa popular e os meios de comunicação de massa procuram transmitir esta imagem. O movimento de libertação da mulher não busca coisas desta natureza. É infelizmente verdade que algumas mulheres aprovam esta linha de pensamento. Eu desclassifico tais finalidades como sendo verdadeira promoção da mulher. Penso que o fato de algumas cons-

tituírem estas metas como finalidades da promoção da mulher não é razão para nós nos exirmos desta tarefa.

6. Positivamente, a finalidade do movimento das mulheres é que a mulher se torne aquilo que realmente ela deve ser. Buscar o completo desenvolvimento do potencial de cada mulher, na ordem da natureza e da graça, para o seu próprio bem e para o bem da sociedade e da Igreja. Como cristão, esta finalidade significa que cada uma de nós cresça em direção à plenitude da vida de Cristo, responda à plenitude de seu ser, faça aquilo que Deus nos chama a fazer e a tornar-nos. Fazer nesta hora única de salvação o que seja nossa realização pessoal e pascal. Em outras palavras, citando uma passagem da carta pastoral de Dom Leo Maher, Bispo de San Diego, Califórnia: "O ponto focal das necessidades da mulher cristã é o direito de desenvolver o mais plenamente possível seu ser humano e cristão; perseguir a sua vocação até o limite de suas capacidades em qualquer direção que esta vocação possa caminhar. Ser pessoas desenvolvidas e ser úteis à sua comunidade social e à Igreja."

7. O sétimo e último ponto que apresento nesta introdução é relevar o fato de que este assunto é um tema altamente emocional e complexo. O condicionamento cultural, e as experiências pessoais passadas, provavelmente nos fazem sentir diferentemente este problema. Porque somos mulheres pode parecer que conhecemos tudo acerca da mulher.

E é falso. Conhecemos muito pouco. Esta ambivalência é altamente carregada de sinais emocionais quando enfrentamos o assunto. Algumas podem ter experiências que as levem a concluir negativamente quando se debate este assunto. Outras, podem estar plenamente conscientes da total opressão da mulher pela sociedade e pela Igreja. Tornam-se impacientes diante de passos graduais que se dão para resolver o problema. Outras ainda, estão em estado de dependência, passividade, senso de subordinação, seja na teoria seja na prática. Quem levantar questões que possam levá-las a outras conclusões ou que sejam convite a mudanças de procedimento, pode constituir uma verdadeira ameaça.

Com o amor tudo é possível. Espero que nossas considerações sobre a questão da mulher sejam só e totalmente feitas com verdadeiro amor e respeito recíproco dos sentimentos de cada uma. Se alguma se sentir ofendida com alguma coisa que disser ou pelo modo como o fizer, peço seu generoso perdão enquanto asseguro, jamais tive nem terei vontade de ofender a quem quer que seja. Para resumir tudo o que dissemos até agora nesta primeira parte de nossa apresentação:

1. A questão da mulher é uma questão humana que afeta seja o homem seja a mulher.

2. Mulher, o que é mulher? É uma pessoa humana adulta do gênero feminino.

3. A libertação da mulher é uma dimensão da total libertação humana.

4. Fatores sociais são com frequência confundidos com dimensões religiosas quando se trata da mulher.

5. A verdadeira libertação humana não significa libertação da mulher ou do homem ou de algum dos interesses da mulher.

6. O fim do movimento feminino é o completo desenvolvimento do potencial de cada mulher na ordem da natureza e da graça.

7. Reconhecemos humildemente que este assunto é emocional. Por isso de modo especial pedimos as luzes do Espírito Santo para que nos guie com amor na promoção de nossas irmãs.

Por que este assunto na Assembléia Geral de 1975

Ao aceitar a tarefa para apresentar este trabalho hoje nesta Assembléia Geral, foi natural que eu me perguntasse por que este assunto devia constar na agenda. Descobri para justificar minha pergunta quatro razões que parecem significativas e dignas de nosso tempo e de nossas energias. Gostaria de partilhar com vocês estas razões. Todas podemos estar maravilhadas do porquê e esta seria mais uma razão para examinar as atuais dimensões da presente situação da mulher na história da salvação hoje.

1. A primeira razão, bastante óbvia, é que **1975 é o Ano Internacional da Mulher**. Desde que estamos reunidas em Assembléia Geral de Religiosas, parece muito apropriado que tratemos do assunto e que nos unamos ao resto do mundo para um sério enfoque. E nos parece mais apropriado ainda uma vez que a própria Igreja pelo seu Pastor Supremo, "se sente solidária com os temas apontados para este Ano Internacional da Mulher e que de corpo inteiro se interessa por eles desde as suas bases".

2. A segunda razão diz respeito ao tema desta Assembléia Geral. **Focalizar nossa espiritualidade apostólica** nos convida a estar atentas ao mundo em que vivemos, aos seus maiores movimentos e às suas mais sérias necessidades e esperanças, atentas aos sinais dos tempos. João XXIII, como muitas se recordam, em **Pacem in Terris**, parágrafo 41, identifica como um dos três maiores sinais de nossos tempos o fato de que em toda parte "as mulheres estarem desenvolvendo um papel cada vez mais evidente na sociedade e estarem adquirindo uma crescente consciência da dignidade, dos direitos que lhe pertencem como pessoas humanas". Se é realmente um importante sinal dos tempos — e quem pode negá-lo? — e se o nosso carisma como filhas de Maria de Mathias, em particular, nos estimula nesta direção de serviço à mulher e à jovem, então é importante também considerar este assunto como elemento capital de nossa espiritualidade apostólica. Como mulheres apostólicas temos necessidade de voltar repetidamente a refletir sobre

a palavra de Deus para encontrar a luz e discernir os desafios aos quais Deus nos chama nesta dimensão do nosso ministério potencial e de nosso desenvolvimento como mulheres. Temos necessidade de refletir sobre a palavra de Deus precisamente em benefício de nossa prospectiva feminina que, para a maior parte, é uma nova experiência na Igreja.

3. Outra razão para sublinhar este assunto, intimamente ligada ao tema da espiritualidade apostólica, é a crescente realização que Deus, em nossos dias, nos está chamando, como chama a todos os membros da Igreja para uma preocupação mais profunda, pessoal e comunitária, para a justiça e para a paz entre todos os filhos de Deus. O Sínodo de 1971 tornou muito explícita esta convicção de que a questão da mulher é hoje principalmente um fato de justiça quando colocou o assunto mulher diretamente no contexto da discussão sobre a justiça no mundo. Paulo VI deu sua orientação na octogésima carta do ano, o apelo à ação, quando incluiu a questão da mulher entre as maiores áreas onde grandes injustiças exigem uma ação afirmativa e reparadora. De fato, a verdadeira finalidade do desenvolvimento da mulher busca superar a injustiça da discriminação que impede o seu pleno desenvolvimento. Ao mesmo tempo se preocupa da injustiça da sociedade como tal, especialmente nos países subdesenvolvidos, onde aquilo que as mulheres poderiam apresentar como contribuição própria nem é notado nem atuado. Desse modo o mundo faz-se mais pobre. Parale-

lamente, impedir o desenvolvimento do potencial da mulher dentro da Igreja limita e prejudica o todo. Sempre mais me convenço do bem que fica a fazer, das necessidades pastorais não enfrentadas porque não há abertura. A mulher não faz o bem que devia nem se dedica aos serviços pastorais que podia. Isto precisa ser examinado e a dimensão da injustiça enfrentada.

4. A quarta razão é a mais profunda. A ela deveríamos dedicar maior parte de nossas energias nesta Assembléia Geral consagrada ao tema da mulher. **É a renovação espiritual da mulher.** Felizmente o Ano Internacional da Mulher coincidiu com o Ano Santo. O estado da mulher na sociedade e na Igreja está, de algum modo, ligado ao potencial da mulher à santidade? Penso que temos necessidade de fazer esta pergunta. Não estou completamente segura de como examinaremos esta questão. Considero importante saber, ao menos, se o efeito de uma longa história na qual a mulher foi consistentemente marcada por um papel subordinado encorajou a santidade na mesma mulher, ou se, pelo contrário, levantou barreiras não necessárias à santidade, embora não intencionais? Em outras palavras, a condição da mulher na sociedade e na Igreja ajudou ou impediu a plenitude e a generosidade de nossa resposta ao Senhor naquilo que ele quer fazer dentro de nós?

Um campo a ser examinado é o da educação teológica. Hoje, em cada dia, surgem novos cursos disponíveis e escolas de teologia abert-

tos às mulheres. Em nossa comunidade se fazem sérios esforços para encorajar as religiosas a utilizar estas disponibilidades. Por que este encorajamento? É nossa convicção que uma sólida base de conhecimento, embora jamais garanta a santidade, pode todavia ser muito útil à mesma. Um sólido conhecimento não se identifica com a santidade, mas é extremamente útil ao crescimento da mesma. Ora, analisando o passado, próximo e longínquo, podemos nos perguntar se a não disponibilidade para a mulher de oportunidades para um estudo concreto e sistemático da Sagrada Escritura e da Teologia não foi um real impedimento ao desenvolvimento do potencial espiritual da mulher. Não penso apenas na privação para aquelas mulheres que teriam desejado esta oportunidade, mas reflito assim: a negação universal de tais estudos à mulher, unida à noção geralmente aceita, de que a mulher não é capaz de tais estudos, não levou à situação a que nos encontramos agora precisamente? Não temos disponível, porque não existe mesmo, um sério trabalho bíblico que reflita a experiência da mulher. Recebemos a nossa formação espiritual da teologia e da espiritualidade transmitida através do homem.

Podemos nos encontrar satisfeitas agora ou no passado pelo fato de que, inconscientemente, fomos obrigadas a ler mais coisas escritas por homens do que por mulher, porque coisas escritas pelos homens eram mais profundas e mais lógicas? Há trinta anos atrás quantas escolas de teologia estavam abertas à mulher? E a dez anos atrás? Santa Teresa

de Ávila estava bem consciente desta dificuldade. Ela deixou escrito: "Senhor, tu sabes quanto temos de sofrer nesta vida por falta de conhecimento. O pior é que nem sabemos que temos séria necessidade de conhecer-te mais do que pensamos. Não somos capazes de pedir a quem sabe mais do que nós. Na verdade nem sabemos o que pedir. Sofremos assim provas terríveis porque não entendemos nem a nós mesmas", **Castelo Interior, IV**. De maneira semelhante escreveu a mística inglesa Juliana Norwich: "Mas Deus proibiu que tu disseses que era uma professora. Não quero dizer isto, porque sou uma mulher iletrada, débil, frágil", **Revelações do Divino Amor**.

Não será esta falta de oportunidade de estudar a Escritura, a teologia, a espiritualidade, ao menos uma parte da razão pela qual na história tivemos tão poucas mulheres que exercitaram o ministério de diretoras espirituais? A dimensão do desenvolvimento da mulher na Igreja será talvez o crescente empenho das mulheres, sempre mais numerosas, que se dedicam ao ministério de ajudar os outros a rezar, a dirigir retiros, a oferecer direção espiritual. Isto não trará potencialmente grandes e positivos benefícios para a renovação espiritual?

Uma outra dimensão do estado da mulher em relação ao convite à santidade da parte de Deus é a questão dos modelos de santidade. Convenci-me recentemente da importância deste ponto quando li um estudo sobre a socialização e a canonização. O autor deste estudo da Universidade de Liège, descobriu

que de todos os santos canonizados desde 1634 até 1950, somente 26% eram mulheres; os outros 74% eram homens! De múltiplos fatores, o autor concluiu que os modelos de santidade propostos pela Igreja são, na sua maioria, de tipo masculino. É um fato muito sério e tem uma história longa demais. Muitas vezes se afirmou abertamente que a verdadeira virtude, uma santidade real é própria do homem. Santo Ambrósio, por exemplo, chegou a dizer: "Quem não crê é uma mulher e deve ser designado pelo nome de seu sexo, enquanto aquele que crê, progride na virilidade até a medida da estatura de Cristo. Sendo assim, dispensa-se a designação de seu sexo", **PL 15, 18-44, citado em Daly, Church and Second Sex, Harper Colophon, 1975, p. 83**. Santo Agostinho escreve a respeito de sua mãe, Santa Mônica: "Mamãe nos amava na pele de mulher, mas com uma fé própria de homem", **Confissões, Livro IX**.

Até as orações oficiais da Igreja nos surpreendem quando se referem às virtudes da mulher. Por exemplo, uma oração em louvor da mulher mártir diz: "Ó Deus que, pela maravilha de teu poder, deste a vitória do martírio até ao sexo fraco..." Santa Teresa de Ávila, mulher extraordinariamente santa e douta, falando da sua capacidade de suportar o sofrimento, comentava: "Nestas coisas não sou mulher, tenho um coração forte." Não reflete esta mesma mentalidade a nossa fundadora, Beata Maria de Mathias, quando diz: "Deus se serve até de nós, pobres mulheres..."? Não afirmou o grande São Jerônimo muito

bem, quando escreveu: "Porque a mulher é feita para dar à luz e educar os filhos, ela é tão diversa no corpo e na alma. Mas quando deseja servir a Deus mais do que ao mundo então deixará de ser mulher e passará a ser homem", **PL 26, 567.**

Graças a Deus temos grandes santos que são mulheres, plenamente mulheres, não homens. Muitas graças sejam pois dadas a Deus. Fica, porém, a pergunta: Mas existem tantas quantas poderiam ser hoje? Tantas quantas Deus queria? Penso que esta pergunta de renovação espiritual com relação à mulher merece mais atenção nossa, especialmente quando descobrimos que na Igreja, ao menos, nos séculos mais recentes, o pensamento popular considera a mulher alguém que é piedoso, alguém que reza mais. Na verdade, não é a mulher que se dedica mais fielmente à adoração? Que reflète as grandes virtudes da humildade, da obediência, do abandono, da paciente aceitação do sofrimento, da docilidade, da caridade para com o semelhante? Estas virtudes são essenciais à santidade. As mulheres parecem que possuem estas virtudes. E então, por que não há maior número de mulheres, modelos de virtude? Parece-me uma coisa muito delicada e a ser considerada. Temos de perguntar se tudo aquilo que aparece como humildade, docilidade, aceitação, é sempre autêntico. Não será alguma vez complexo de inferioridade? Uma desconfiança em si mesma que se revela num comportamento que parece docilidade? Uma pessoa que tem estima muito baixa

de si pode ser resultado de algum fato natural. Quando criança pode ter sido confrontada constantemente com um irmão ou irmã mais inteligente, mais sagaz. Isto pode se constituir numa ajuda ou num obstáculo para uma profunda realização na fé. Um obstáculo para se sentir que o amor de Deus é muito real para com ela. Se uma baixa estima de si pode tornar alguém inseguro, tímido, cheio de ansiedade, inclinado à depressão, não é provável que esta condição humana seja um obstáculo para desenvolver um forte, cálido e virginal amor a Deus e ao próprio?

Nas mais variadas formas, as meninas de nossa cultura aprendem desde o berço que não são um valor ou, ao menos, são um valor inferior. Hoje esta mensagem é muito mais sutil, porém, ainda persistente. Os valores da nossa sociedade são aqueles que emergem do homem. A pessoa humana e normal, conforme os psicólogos e os psiquiatras, demonstrará as características que os homens devem apresentar. Usamos os pronomes masculinos ou os adjetivos masculinos quando nos referimos ao homem e à mulher. É um modo muito sutil de sugerir que o homem é a norma da mulher. Há uma vasta literatura nesta área. Numa recente pesquisa feita em São Francisco, Estados Unidos, entre meninos e meninas da quarta série de um a escola católica, perguntou-se simplesmente se eles gostavam de ser meninos e meninas. Somente 46% das meninas gostavam de ser meninas, enquanto 99% dos meninos responderam que gostavam de ser meninos. Estas crianças tinham oito ou nove anos. Já haviam apren-

dido cedo e bem que na sociedade é melhor ser homem do que mulher.

Esta superioridade do homem sobre a mulher que através dos séculos ajudou a estabelecer e continua a fazê-lo, esta estereotipada imagem de uma baixa estima de si nas meninas e nas mulheres, está muito bem expressa na patrística e nos tempos medievais e nos modernos também. Apenas para citar um Padre da Igreja. São Cirilo de Alexandria diz: "O sexo feminino é muito débil no corpo e na alma". Também o douto e santo teólogo e filósofo, Santo Tomás de Aquino falou das mulheres e disse coisas que foram contestadas até em seu tempo. Ele descreveu a mulher como "um macho defeituoso e bastardo..." e ensinou ainda que o homem é o começo e o fim da mulher. Falando estritamente, deixou escrito, "o pai deve ser mais amado do que a mãe". Cf *Summa*, I 93, art. 4; I 92, art. I ad I; II-II art. 26, 10. Sustentou que ser mulher é um impedimento para a ordenação sacerdotal não pelas razões que hoje se apresentam por aqueles que negam a ordenação sacerdotal à mulher, mas porque ser ordenado significa eminência e a mulher não pode ter eminência pelo seu estado de submissão!

Durante o período do Renascimento, dois notáveis sacerdotes dominicanos, publicaram, na Alemanha, um livro sobre a perseguição à bruxaria. Haviam recebido da Santa Sé a incumbência de escrevê-lo. O título é significativo: *Malleus Maleficarum*. Este livro fixou firmemente a idéia de que mulher e arte de bruxaria são sinônimos. Quero citar apenas uma passagem: "Toda fra-

queza é pequena se comparada com a fraqueza da mulher. A mulher é um inimigo da amizade, uma inevitável punição, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um mal da natureza. Citado em Nancy van Vuuren, *The Subversion of Women*, Filadélfia, Westminster Press, 1975, p. 8.

Como estão notando, a exposição desta quarta razão foi bem mais longa do que as outras. Nela está um dos mais importantes elementos da situação da mulher no mundo e que deveria ser motivo de profunda atenção de nossa parte. Se o senso de inferioridade que a mulher aprende em nossa sociedade porque recebe esta mensagem do homem e das próprias mulheres, desde tenra idade, se este senso de inferioridade é interiorizado e assimilado a ponto de tornar-se um obstáculo à obra do Espírito Santo no coração da mulher, conclui-se que é uma questão séria. Merece ser analisada.

Estereótipos não é um assunto fácil para ser assimilado nem mesmo por um estudo detalhado, para ser assumido e tomado como referência para lutas e mudanças. É um processo intimamente penoso seja para nós mulheres seja para os outros. É mais fácil não refletir e deixar como está. Não acham também que neste assunto da mulher está um ponto de alerta do Espírito para uma profunda conversão do coração? Uma chamada para entrar no mistério pascal da vida através da morte numa outra dimensão bem mais profunda de nosso ser? Afirmo com convicção e sem medo de errar, que a graça do Senhor Jesus é capaz de

vencer todos os obstáculos. Existem hoje, como sempre existiram no passado, mulheres eminentes e extremamente santas. Quem de nós já não teve o privilégio de conhecer alguma? Já invocamos nesta manhã na hora da liturgia as grandes figuras femininas do Antigo Testamento. Elas provaram e testemunharam o de que é capaz o Senhor quando nos dispomos lealmente à ação de sua graça. Mesmo se isto custa alto preço. Elas venceram todo efeito malévolo da desconfiança e da insegurança que pode sentir uma mulher. Algumas eram bem conscientes disto; outras não, como muitas de nós hoje não o somos. Não podemos nem experimentar dificulda-

de sem identificá-la ou saber donde procede. Uma grande santa que percebeu esta realidade foi Santa Catarina de Sena. Gostaria de terminar minha palestra sobre a mulher na história da salvação hoje, citando uma frase sua. Quando lhe foi anunciado pelo Senhor que deveria partir para sanar o Grande Cisma, protestou assim: "Como poderei fazer eu o que mandaste? O meu sexo é um obstáculo. Tu sabes muito bem. É desprezível aos olhos dos homens!" Mas o Senhor respondeu: "Derramo a efusão de meu Espírito sobre quem quero. Não há homem e mulher, nem plebeu e nobre. Todos são iguais diante de mim."

Há duzentos anos, no dia 18 de outubro de 1775, às 16h30min, em humilde cela do convento dos Santos João e Paulo, no monte Célio em Roma, encerrava sua carreira mortal na avançada idade de quase 82 anos, o fundador dos Passionistas, São Paulo da Cruz. Circundado pela veneração e amor dos 170 religiosos que viviam nas 12 casas por ele fundadas e das 11 religiosas que viviam no mosteiro também por ele fundado, o santo velho falecia com a consciência nítida e serena de quem podia dizer "missão cumprida!" Para chegar a isso ele sofrera tremendas provações internas e externas. Percorreu, quase sempre a pé, distâncias consideráveis. Vira-se a braços com obstáculos, humanamente insuperáveis, por parte de autoridades civis e eclesiásticas, sem contar os achaques e doenças que não foram poucos nem leves. Não obstante isso, Paulo da Cruz, movido por ideal que do alto o impulsionava, levou tudo de vencida e legou à Igreja um Instituto que procura continuar a viver o carisma que ele viveu de um modo extraordinário. Se houve na Igreja de Deus um Fundador que tenha tido um carisma tão acentuado e, o que é mais, uma consciência tão clarividente desse carisma, é precisamente São Paulo da Cruz.

Carisma e fundadores

Todos os Institutos que vicejam e trabalham na Igreja tiveram em seus Fundadores homens carismáticos. Primeiramente eles, como indivíduos, viveram intensamente o sopro do Divino Espírito Santo. Em

200 ANOS DA MORTE DE SÃO PAULO DA CRUZ

Pe. Boaventura M. Guérios, CP

segundo lugar, no desejo incoercível de fazer com que essa inspiração do alto seja vivida e seguida por outros. E, finalmente, a sanção oficial da Igreja. RAHNER afirma que o "carisma são efeitos produzidos pelo Espírito Santo no indivíduo, que não podem ser exigidos pelo homem, nem podem ser previstos pelos órgãos oficiais da Igreja, nem podem ser alcançados pela recepção dos Sacramentos" (1). A Igreja pois, como tal, não tem nisso tudo nenhuma iniciativa. O que ela faz e deve fazer é acompanhar, compreender e orientar esta inspiração e moção do Espírito Santo. Sabe-se com que morosidade e prudência a Igreja aprova um Instituto.

Aprovada, porém, a Regra de um Instituto, por um processo de retrospectção, pode-se constatar, sem receio de errar, a ação do Espírito Santo, que a inspirou desde o princípio. Com efeito, se se considera como foi que historicamente surgiu este ou aquele Instituto é forçoso dizer que na origem e na dinâmica do fenômeno está um carisma. Em determinada época e ambiente avoluma-se uma necessidade, alastra-se um mal, acentua-se um enfraquecimento num setor da vida da Igreja. Então uma alma de escol especialmente movida pelo amor e força do Espírito Santo fará de sua consagração um serviço que será todo o móvel de seu agir, a fim de prover à necessidade, enfrentar o mal e robustecer o lado ameaçado da Igreja. Em função, pois, deste dinamismo específico ele organizará a sua vida toda e envidará esforços para atrair à órbita de seu ideal outras pessoas que afinem pelo seu pensamento.

Pode-se dizer, então, que aí está um carisma na base, na origem, no dever, na razão de ser e na finalidade da nova forma de vida religiosa que vem surgindo. Vem por último a Igreja e sanciona oficialmente o Instituto (2).

Assim foi todo o processo histórico do aparecimento dos Institutos na Igreja. Assim é que, com maior ou menor evidência, assomaram no cenário da Igreja as figuras carismáticas dos Fundadores. PACÔMIO diante da tibieza dos cristãos, livres de perseguições. BENTO diante da decadência cultural, moral e social devida às invasões bárbaras. DOMINGOS diante dos erros albigeneses. FRANCISCO diante do espírito ganancioso da época. INÁCIO diante da pseudo-reforma protestante. CAMILO diante do descaramento dos enfermos. VICENTE diante da miséria dos pobres e marginalizados numa sociedade refinada. LA SALLE diante da juventude desnorteada. LIGÓRIO diante da ignorância religiosa do povo. Assim Dom Bosco, Champagnat, Janssen, Deon, Orione, Alberione... Assim Ângela Merici, Teresa D'Ávila, Sofia Barat, Antida... Assim, sem exceção, todos os fundadores e fundadoras, canonizados ou por canonizar, todos movidos pelo sopro do Espírito Santo viveram o seu carisma e o transmitiram a seus filhos para serviço da Igreja, a qual o reconheceu oficialmente.

Carisma de São Paulo da Cruz

A vida do fundador dos Passionistas enquadra-se maravilhosamente nesta perspectiva, comum a to-

dos os fundadores. Em Paulo da Cruz ela ressalta de modo impressionante. Vejamos em rápido esboço a época e o ambiente em que viveu Paulo da Cruz. Estamos no século do Iluminismo, que da Inglaterra, com CHERBURY (1648), afirmava a autonomia da razão contra toda autoridade civil e religiosa. Daí passou-se para o Deísmo de TINDAL, que atacou o campo moral. Caminhando mais, deu no Enciclopedismo materialista e ateu com HOLBACH, DIDEROT, VOLTAIRE e ROUSSEAU na França; REIMARUS, LESSING na Alemanha e GENOVESI, FILIANGERI e CARLI na Itália. Tudo isso preparou um excelente campo de cultura para a Revolução Francesa e depois para a revolução social, cujos efeitos perduram ainda hoje.

Havia mister de um reparo, de alguém que com sua vida e com sua palavra pusesse uma barreira ao aluvião de racionalismo e materialismo que parecia querer avassalar a Igreja e o mundo. Apareceu então, no cenário da Igreja, a figura carismática de Paulo da Cruz, que pelo seu nome e cognome dissesse tudo de sua pessoa e de seu Instituto: Um apóstolo que fez da Paixão e da Cruz de Cristo, vivida e pregada, motivo de contemplação, de ação e pregação para o mundo que parecia esquecer que um Homem-Deus viera a este mundo sofrer e morrer para fazer com que este mesmo mundo vivesse e ressuscitasse. Com muito acerto DANIEL-ROPS, o grande historiador católico, escreveu no prólogo do livro de Carlos ALMERAS: "São Paulo da Cruz aparecia investido de um ideal

de verdadeira testemunha: a encarnação da repulsa cristã, da repulsa católica diante de certos erros e de certos compromissos. A época em que viveu, como a nossa, recusava a cruz e esforçava-se por eliminá-la. Na dialética do racionalismo triunfante, cada dia menos havia lugar para aquilo que outro Paulo, o Apóstolo, chamou categoricamente: **loucura da Cruz...**

Para que serve pregar Jesus Crucificado em um mundo em que, ao cabo de 200 anos, se produz a subversão, definida por PÊGUY falando do dinheiro convertido em senhor, tomando o lugar de Deus? Não é só o dinheiro, não, senão tudo aquilo que é visto, apalpado, possuído, tudo aquilo que pode persuadir a humanidade de que não lhe resta já outros horizontes que os desta vida e desta terra. O homem deve procurar o seu devir e porvir em si mesmo" (3). Apareceu, então, o homem carismático, Paulo da Cruz, a fim de que vivendo o Mistério da Cruz e pregando a Palavra da Cruz mostrasse ao mundo que através da Cruz abrem-se horizontes cheios de luz e de esperança.

O místico

Em primeiro lugar Paulo viveu intensamente o seu carisma. Sua identificação com Cristo sofredor tem em mira não só unir-se a Ele no amor e na dor, senão também oferecer-se em sacrifício a Ele e por Ele para a glória de Deus, reparação dos pecados e salvação dos homens. Desde a mais tenra idade foi levado por Deus para as alturas da

Cruz. O progresso foi tão rápido que, aos 27 anos, já tinha passado pelos graus da mais alta mística até ao conúbio espiritual. Caso raro no processo da maturação espiritual, pois, em geral, se chega a essas alturas depois de longos períodos de **noites escuras** e de **noites de fé**. Como bem nota F. CAYRÉ: "O misticismo de Paulo é manifesto e é caracterizado por numerosos favores extraordinários. O que, porém, distingue o Fundador dos Passionistas é o período de sua juventude" (4).

O citado autor divide a vida de Paulo da Cruz em três períodos. O primeiro, até os 31 anos, Paulo atingindo o mais alto grau da contemplação infusa. O segundo, dos 31 aos 76 anos, num processo inverso, Paulo mergulhado em aridez e desolação interiores. Ao todo 45 anos! Finalmente o terceiro, nos últimos 5 anos de sua vida, período entremeado de desolações e de grandes consolações, prevalecendo mais estas do que aquelas. Não há dúvida que toda a vida de Paulo da Cruz é marcada pela Cruz e Paixão do Senhor, mas o período característico foi o dos 45 anos em que viveu em sua carne e em seu espírito o fascínio inebriante do amor doloroso e da dor amorosa do Crucificado. Talvez porque fundador de um Instituto da Paixão devia consolidá-lo no seio da Igreja com uma vida inteiramente conformada e crucificada com Cristo (5). O primeiro biógrafo do nosso santo, São Vicente Maria Strambi, CP, assim o retrata: "Homem de altíssima oração e sublime união com Deus, de zelo ativíssimo na procura da sal-

vação do próximo e todo ternura e amor na contemplação da acerba Paixão e cruel Morte de nosso Divino Redentor, no qual pelo amor ele já estava todo transformado"(6).

O apóstolo

Depois de viver o Mistério da Cruz, Paulo por decorrência intrínseca de seu amor transformante em Cristo Crucificado, tornou-se concomitantemente o apóstolo da Palavra da Cruz. Foi um pregador e propagador indefeso da Paixão e Morte do Senhor. No púlpito e no confessional, nas missões e nos retiros espirituais, nas conversas e em cartas, em casa e fora de casa a nota predominante era conclamar a todos que não se esquecessem que a Redenção objetiva foi cumprida pelo Cristo histórico no alto do Calvário por meio da sua crucifixão (fato histórico). Mas que a Redenção subjetiva devemos cumpri-la nós crucificando o homem velho (fato teológico). Ensinava que todos somos levados ao oceano infinito do Amor de Deus, mas que para lá chegarmos devemos atravessar o mar da Paixão do Senhor: dois oceanos que se comunicam! Dizia, enfim, que na Paixão encontrava tudo e queria que ali todos o encontrassem todo. "A Paixão tem tudo. Aí é que se aprende a ciência dos santos" (7). Explica-se assim a vida penitente e apostólica de Paulo da Cruz. Ele é ao mesmo tempo o maior místico e o maior apóstolo de seu século. A simples leitura de seu "Diário" e de suas quase 2.500 cartas é o suficiente para se capacitar disso.

O fundador

Assim vivendo o Mistério da Cruz e assim pregando a Palavra da Cruz, Paulo teve a inspiração do alto de transmitir este seu modo de viver e de pregar a Paixão do Senhor a homens e mulheres que suspirassem deveras permanecer aos pés da Cruz de Jesus Cristo. Foi o fundador do Instituto da Paixão de Jesus Cristo e das Monjas de clausura da Paixão de Jesus Cristo (8). Propôs um ideal não genérico comum a todos ou comum aos sacerdotes, aos quais incumbe, por dever de estado, anunciar a Palavra da Cruz, mas, sim, um ideal bem específico e inequívoco, porque caracterizado pelo modo especial de reviver em si e nos outros a Paixão do Senhor.

Os dois Institutos têm para caracterizá-los o Quarto Voto, o da Paixão, que leva vigorosamente a acentuar em cada um de seus membros a participação efetiva do mistério numa intensa vida interior, que favorecida pela penitência-pobreza, solidão-recolhimento e oração-contemplação transborda na mais fervida vida apostólica com o fim de comunicar às almas idêntica participação do sublime drama da salvação. "Segundo os melhores estudiosos do espírito de Paulo da Cruz, a sinfonia espiritual de toda sua vida e da vida de seu Instituto tem uma única chave: a Paixão de Cristo conjugada e feita a um tempo oração e pregação, mística e ascética, participação afetiva e efetiva dos sofrimentos do Senhor. Sinfonia que é Paixão e com-paixão. A Paixão de Cristo é a explicação de sua vida,

de seu apostolado e de seu Instituto" (9).

Com diferença de muitos fundadores, que só mais tarde e às vezes relutando aceitaram fundar um Instituto e escrever a Regra, Paulo teve a inspiração bem cedo. Foi em 1715, que Paulo com 21 anos, teve a primeira idéia, quando passava pelas ridentes costas da "Riviera" ao ver um santuário solitário no alto de uma montanha. Passados 5 anos, num retiro espiritual de 40 dias, ainda sem companheiros, escreveu seu "Diário" e a Regra primitiva. Haveria de passar 21 anos até que a Regra fosse aprovada com modificações por um Rescrito do grande Papa Bento XIV aos 15 de maio de 1741. Em seguida, após novas modificações sempre intacto o espírito peculiar do Instituto, veio a sanção oficial e solene da Igreja, aprovando a Regra e o Instituto com a Bula "Supremi Apostolatus" aos 23 de novembro de 1769 e com outra Bula "Praeclara virtutum exempla" de Pio VI aos 15 de setembro de 1775.

Conclusão

Um mês e três dias depois, Paulo da Cruz morria! Ele que vivera intensamente a primeira parte do Mistério Pascal, agora ia começar a viver a segunda parte na glória eterna! Como naquele dia 18 de outubro de 1775, lá em Roma o amor e o carinho dos 170 religiosos que viviam nas 12 casas por ele fundadas e das 11 religiosas que viviam no mosteiro também por ele fundado, cercavam o leito de Paulo moribundo, assim hoje, passados 200 anos, os 3.500 religiosos, dis-

persos pelo mundo inteiro nas 220 casas e as 170 religiosas dos 21 mosteiros prestam seu tributo de amor e veneração ao santo Pai e Fundador, no desejo sincero de segui-lo em seus passos, a fim de que

na Igreja de Deus, eles e todos se convençam sempre mais da realidade existencial do Mistério Pascal, isto é, que só pela CRUZ é que se chega à LUZ!

NOTAS

1. RAHNER-VORGRIMLER, **Dicionário Teológico**, verbete carisma.

2. *Perfectae Caritatis*, 1 e 2, principalmente na letra b.

3. ALMERAS, C., **Saint Paul de la Croix**, Paris, 1956: Introdução.

4. A. A., F. CAYRÉ, **Patrologie et Théologie**, Tome III, Chap. X (IV).

5. Num estudo particular que fez sobre a vida mística de São Paulo da Cruz, GARRIGOU-LAGRANGE, R., em **Études Carmélitaines**, 1938, parece estar certo disto e chega a dizer que "São Paulo da Cruz devia fundar uma congregação religiosa dedicada à reparação".. O padre Lebreton no **Dictionnaire de Spiritualité**, c. 635-636 parece que adere também a esta opinião. Não comungando as duas opiniões, S. Breton, CP, em **La mystique de la Passion**, cap. V e VII demonstrou que nem no Diário, nem nas Cartas, nem na Regra há alusão alguma a esta finalidade da reparação. O autor não nega que Paulo fun-

dando uma congregação toda centrada na paixão podia e devia ter uma função reparadora genérica, mas não em particular.

6. STRAMBI, S. VICENTE MARIA, CP, **Vita del servo di Dio P. Paolo della Croce**, Roma, 1786, p. XV e ss.

7. *Lettere*, I, 267, 558, II, 368, 717. As Cartas de São Paulo da Cruz foram publicadas em quatro volumes em 1924. Depois da publicação apareceram ainda uma centena de outras. Ao todo perfazem umas 2.500, sabendo-se certo que quase um milheiro delas foram destruídas ou perdidas.

8. As Monjas Passionistas tiveram sua Regra aprovada por Clemente XIV em 1771, quatro anos antes da morte de São Paulo da Cruz. A co-fundadora foi a Madre Crucifixa de Jesus (Constantini), cujo processo de beatificação corre seus trâmites. No Brasil existe um mosteiro em São Paulo à rua Lisboa, 974.

9. MONSEGÚ, B., CP, **El y su Pasión**, Cap. VIII, pág. 282.

LIVROS NOVOS

CONTEMPLAÇÃO NUM MUNDO DE AÇÃO, Thomas Merton. Tradução do original inglês **Contemplation in a world of action**, do Mosteiro da Virgem, Petrópolis. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 348.

Em dezembro de 1968 morria Thomas Merton, em Bangkok, na Tailândia. Muito conhecido, no mundo inteiro, como escritor, como um dos grandes convertidos deste século e como defensor da vida monástica no mundo moderno, Thomas Merton é um dos homens mais lidos, atualmente, dentro e fora de seu país de origem, dentro e fora da Igreja. Ele foi o homem de que o cristianismo precisou na época exata, num tempo de transição iniciado com a Segunda Guerra Mundial, bem antes, portanto, do Concílio Vaticano II. Ele percebeu, muito antes da maior parte das pessoas engajadas, que na vida monástica e em quase todos os valores cristãos muita coisa haveria de mudar. E que alguma coisa tinha de ser feita para que o essencial destes valores permanecesse.

Este livro que VOZES lança agora foi publicado já depois de sua morte. É um livro essencialmente jovem, no estilo, na maneira de dizer as coisas, na força e no entusiasmo e na lucidez com que Merton fala da **atualidade** da vida monástica e eremítica, da **renovação** da vida conventual, da **crise de identidade** dos monges, do **relacionamento** do contemplativo com o mundo da ação, sobre o sentido da **solidão** cristã, sobre a perenidade da vida contemplativa, sobre o monge hoje e no futuro. O seu otimismo não esconde o seu realismo, nem o impede de ser às vezes cruel. Ele é sempre atual, jovem, profundo. Essencialmente profeta.

OBRAS DE THOMAS MERTON: Marta, Maria e Lázaro / O Pão do Deserto / Reflexões de um Culpado / Tempo e Liturgia / A Vida Silenciosa / A Igreja e o Mundo sem Deus / Direção Espiritual e Meditação / O Pão Vivo. De todas as suas obras talvez a que mais calou no leitor brasileiro foi **A Vida de Chuang Tzu** em que Thomas Merton traz para o homem moderno ocidental

uma visão extraordinária de um dos mais profundos e típicos pensadores orientais. Chuang Tzu viveu no século III antes de Cristo.

PSICOLOGIA E VIDA MÍSTICA, Léon Bonaventura. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 244.

Com esta contribuição a uma Psicologia Cristã, o autor — doutor em psicologia, membro da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica, formado pela École Pratique des Hautes Études de Paris e pelo Instituto de Filosofia e Psicologia de Louvain, atualmente residindo em São Paulo, não pretende absolutamente defender a tese já tão debatida do sacerdote psicanalista. Luta, entretanto, para defender o princípio de que só lhe será possível estudar as diferentes etapas da vida mística e abordar adequadamente a função de pastor de almas, quando apoiado nas bases de uma psicologia cristã, fundada na experiência.

Partindo de uma longa e profunda análise da obra de Santa Teresa de Ávila, por causa da importância, para o psicólogo, de sua linguagem simbólica (o sete, a água, a terra, o sol, o fogo, o ouro, etc.), de suas experiências das realidades da alma (e principalmente a do centro da alma), da analogia de seus sonhos com os sonhos dos clientes de sua própria clínica, o autor extrai conclusões das quais as mais importantes dizem respeito ao fundamento da vida espiritual e à unidade do ser humano.

Um livro de grande utilidade para sacerdotes e dirigentes religiosos, bem como para psicólogos e psicanalistas

que lidam com pessoas vivendo em contexto religioso. Se tanto Freud quanto Jung constatarem o "extraordinário auxílio que o método psicanalítico pode propiciar à cura das almas", não é menos importante que o clínico, o analista conheçam as bases de uma psicologia cristã e de um complexo psicológico que bem ou mal envolve praticamente a totalidade de sua clientela.

JUVENTUDE E TEMPO PRESENTE, Fundamentos de uma Pedagogia, Pierre Furter. Tradução do original francês *La Vie Morale de l'Adolescent*, Bases d'une pédagogie, de Paulo Rosas. Editora Vozes. Ano 1975. Páginas 288.

Pierre Furter, professor de Pedagogia na Universidade de Neuchâtel e no Instituto Africano de Genebra, divide seu tempo entre a formação de professores para o ensino secundário e a avaliação dos programas de formação nos países em vias de desenvolvimento. Analisa, através do estudo da vida moral do adolescente, as características essenciais da ascensão dos jovens em nossa sociedade e procura, assim, desenvolver o significado da juventude de nosso mundo. Longe das imagens pessimistas que tanto preocupam nossa geração, esta obra mostra que a adolescência estudantil emerge na conquista do direito de se afirmar e na tarefa moral de situar sua história pessoal no tempo e espaço contemporâneos.

A época da escola secundária é, sem dúvida alguma, o momento privilegiado desta tomada de consciência, contanto que se dobre às exigências da vida moral juvenil. Sempre confrontando os resultados de sua pesquisa com as diferentes soluções pe-

pedagógicas da educação secundária, Pierre Furter coloca balizes visando a um diálogo entre os jovens que ascendem e os educadores desejosos de encontrá-los.

ATUAL, pelo conteúdo e tratamento; DIALETICAMENTE CRÍTICA, em relação aos temas que aborda, à bibliografia utilizada e às interpretações que apresenta; CONSTRUTIVA, quanto a uma política de educação da juventude, **Juventude e Tempo Presente** é uma obra que será lida com proveito por qualquer pessoa ligada à educação. Não apenas pelo especialista em assuntos pedagógicos, o sociólogo ou o psicólogo, mas por qualquer professor, de qualquer disciplina, assim como pelos pais e educadores em geral.

ANALISE PSICOLÓGICA DA IGREJA, André Tange. Tradução do original francês **Analyse Psychologique de l'Eglise**, de M. E. Sampaio. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 168.

André Tange analisa os diversos fatores da comunidade: sua pastoral, sua liturgia, sua missão, sua contestação. Denuncia com vigor as aberrações de um grupo desencarnado, de um aglomerado sem alma, uma seita fechada, de um culto esotérico. Mostra que a comunidade não sobrevive sem comunicação, sem separação e sem não-diretividade. Aborda ainda a liberdade individual e coletiva, onde as decisões são potenciadas e o confronto burila a todos e cada um. O livro quer mostrar como ser mais pessoas e mais filhos de Deus, nas novas dimensões da comunidade no mundo de hoje, e isto em grupo, na partilha de ideais, de trabalho, de bens, de vidas.

A FAMÍLIA CONSTRÓI O MUNDO? Cardeal Paulo Evaristo Arns. Edições Loyola. Ano 1975. Páginas 208.

A sociedade só poderá sobreviver, se encontrar novo estilo de vida, que unicamente será viável se criado, experimentado e desenvolvido na família. É verdade que não são todas as famílias e infelizmente nem a maior parte, que se convenceram de sua responsabilidade no desenvolvimento global do homem e do mundo. Este livro quer ajudar estas famílias, que tomaram consciência de seu papel na construção, a encontrarem bases sólidas, e sobretudo um espírito novo para si próprias e também para sua ação junto às famílias desamparadas, marginalizadas e atrofiadas. Preocupa-se, sobretudo, com o fenômeno da urbanização.

De uma parte, as famílias vindas do interior se parecem um tanto com o menino perdido na multidão. São vítimas de muitas tentações e até de exploração sistemática. Por outra, as famílias mais bem situadas são levadas, muitas vezes, pela sede de ter e de conforto, a enclausurar-se no estreito mundo dos próprios interesses, sem abertura para a construção de um mundo melhor para seus irmãos. É a família cada vez mais introvertida, mais seriada, que se encontram nos monstruosos e desumanos edifícios de nossas cidades. A vida em prédios de apartamentos como encontramos em nossas cidades é um convite a engavetar-se, a viver em série, a uma prisão forçada. A gente não vê ninguém da parte de fora. Dentro cada um resolve os seus próprios problemas. Esta família constrói o mundo? Se cada qual continuar a viver seu mundo, o mundo de todos não será construído.